UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA

JOÃO VICTOR DALA CORTE SCHWARTZ

O ARQUIVO ALTINO CORSINO DA SILVA FLORES:

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE UM INTELECTUAL DE SANTA CATARINA NO SÉCULO XX

CHAPECÓ/SC
2024

JOÃO VICTOR DALA CORTE SCHWARTZ

O ARQUIVO ALTINO CORSINO DA SILVA FLORES:

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE UM INTELECTUAL DE SANTA CATARINA NO SÉCULO XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

CHAPECÓ/SC

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Schwartz, João Victor Dala Corte
O Arquivo Altino Corsino da Silva Flores: Fragmentos da história de um intelectual de Santa Catarina no século XX / João Victor Dala Corte Schwartz. -- 2024.
59 f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó,SC, 2024.

1. Arquivo Pessoal. 2. Ego-documentos. 3. Altino Flores. 4. Santa Catarina. 5. Intelectual. I. Machado, Ricardo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFScom os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOÃO VICTOR DALA CORTE SCHWARTZ

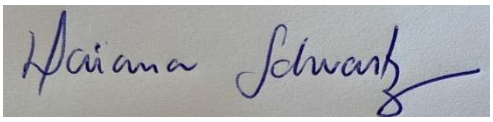
O ARQUIVO ALTINO CORSINO DA SILVA FLORES:

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE UM INTELECTUAL DE SANTA CATARINA NO SÉCULO XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/07/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Daiana Schvartz – IFSC

Prof. Dr. Felipe Matos – SESC

Prof. Dr. Fernando Vojniak - UFFS

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ricardo Machado, orientador e companheiro nesta jornada pelo mundo dos arquivos. Os teus ensinamentos e a tua paciência foram essenciais para ajudar a despertar em mim o gosto pela pesquisa. As várias reuniões para tomar um cafezinho ou para fazer pizza e quentão demonstram a tua admirável capacidade de engajar até mesmo o aluno mais descolado da vida na universidade.

Ao amigo historiador e atual guardião do arquivo de Altino Flores, Me. Fernando Chíquio Boppré, sem a sua gentileza de ceder este inestimável material esta pesquisa nunca teria sido possível.

À todos os professores da Universidade Federal da Fronteira Sul que me guiaram e também aos colegas e amigos que fiz dentro do curso de História, em especial ao Gabriel Andrade Openkowski. A tua amizade sincera e o teu jeito contagiante sempre me motivaram a continuar realizando este trabalho, mesmo nos piores momentos.

À minha família que sempre me apoiou durante os árduos anos da graduação e que nunca deixou de acreditar na minha capacidade vencer os obstáculos da vida. Assim sendo, estendo minha mais profunda gratidão aos meus padrinhos Joise e Edson Dal Forno, que sempre estiveram lá para me ajudar com as tarefas da escola e da faculdade durante muitos anos. Também aos meus tios Juliana Dala Corte e Marcos Paulo Mezetti, às minhas primas Julia e Isabelli e à minha avó Maria Eugênia Ferreira Dala Corte.

Finalmente, um agradecimento especial à minha mãe Joziane Dala Corte, a quem eu amo profundamente e tenho orgulho de ser filho.

RESUMO

Este trabalho examina e problematiza o arquivo pessoal de Altino Corsino da Silva Flores. Nascido no munícipio de São José em 1892, Altino Flores viveu como um homem múltiplo ao longo dos seus 91 anos, sendo considerado um dos mais importantes intelectuais de Santa Catarina no século XX. Sua extensa trajetória inclui atuações no magistério e na política, para além de ser importante membro da Academia Catarinense de Letras e decano dos jornalistas do estado. Retratado comumente como uma figura polêmica, ocupou também a (in)grata posição de crítico literário de sua geração, munido apenas com a sua pena e suas palavras. Consequentemente, esteve sempre cercado por muitos papéis, pessoais, institucionais, cartas, jornais, etc. Assim, dotado de um espirito perfeccionista, buscou identificar e organizar esses e outros documentos em sua coleção particular, arquivando a si mesmo no processo. Ao falecer em 1983, esses materiais tornaram-se uma herança de família, passando de geração em geração e entre filhos, netos e bisnetos do intelectual catarinense. Pertencendo atualmente a Fernando Chíquio Boppré, o acervo pode ser compreendido como um repositório das memórias de seu criador, uma tentativa de conservar para si mesmo uma autoimagem. A presente pesquisa pretende então fazer uma breve descrição desse arquivo ao passo que busca encontrar indícios de ego-documentos onde o autor se mostra deliberada ou acidentalmente. O pai cuidadoso, o crítico tenaz, o acadêmico inconsútil e o homem público são algumas das personalidades que se fazem presente e ajudam a dar forma a este material. Sendo assim, será também realizada uma reflexão sobre Altino Flores enquanto intelectual e representante da Geração da Academia, questionando as noções de vazio, marasmo e atraso impostas pelos modernistas do Grupo Sul a partir de 1947.

Palavras-Chave: Arquivo Pessoal; Ego-documentos; Intelectual; Altino Flores; Santa Catarina

ABSTRACT

This work examines and problematizes the personal archive of Altino Corsino da Silva Flores. Born in the city of São José in 1892, Altino Flores lived as a man of many facets throughout his 91 years, being considered one of the most important intellectuals in Santa Catarina in the 20th century. His extensive career includes roles in education and politics, in addition to being an important member of the Academia Catarinense de Letras and dean of the state's journalists. Commonly portrayed as a controversial figure, he also occupied the (un)grateful position of literary critic of his generation, armed only with his pen and his words. Consequently, he was always surrounded by many documents, personal and institutional, letters, newspapers, etc. Thus, endowed with a perfectionist spirit, he sought to identify and organize these and other documents in his private collection, archiving himself in the process. When he passed away in 1983, these materials became a family heirloom, passed down from generation to generation and between the children, grandchildren and great-grandchildren of the intellectual from Santa Catarina. Currently belonging to Fernando Chíquio Boppré, the collection can be understood as a repository of its creator's memories, an attempt to preserve a self-image for himself. The present research therefore intends to provide a brief description of this file while seeking to identify traces of ego-documents where the author is revealed either deliberately or inadvertently. The careful father, the tenacious critic, the dedicated academic and the public man are some of the personas that are present and help to shape this material. Thus, a reflection will also be made on Altino Flores as an intellectual and representative of the Geração da Academia, questioning the notions of emptiness, stagnation and backwardness imposed by the modernists of Grupo Sul from 1947 onwards.

Keywords: Personal Archive; Ego-documents; Intellectual; Altino Flores; Santa Catarina

Lista de Figuras

Figura 1 - Lucio Altino Boppré com o arquivo em 2013 13
Figura 2 - O Arquivo Altino Corsino da Silva Flores atualmente 14
Figura 3 - Altino Corsino da Silva Flores 22
Figura 4 - Cópias de "No Mundo das Coisas Pequeninas" 27
Figura 5 - Verso da pasta "Materiais e Esboço" 28
Figura 6 - Manuscrito de Altino Flores sobre B.F. 28
Figura 7 - Coisas e Loisas da cidade do "O Estado", 06/03/1937 31
Figura 8 - "Prosa de Domingo", O Estado, 11/X/1970 38
Figura 9 - Fotocópia de "Partidos Políticos" do jornal A Gazeta 38
Figura 10 - Intervenções de Altino Flores em seus documentos 39
Figura 11 - "A bom entendedor.." do Diário da Tarde, 31/08/1936 40
Figura 12 - "Aviso Gentil" do O Estado, 29/08/1936 40
Figura 13 - "Um nadinha de prosa" do O Estado, 01/09/1936 41
Figura 14 - "Coisas e loisas da cidade" do O Estado, 09/03/1937 42
Figura 15 - Interior da pasta "Coisas do Aldrovando Cantagallo" 44
Figura 16 - Manuscrito do livro Bazar da Provincia 46
Figura 17 - Verso da página 4 46
Figura 18 - "Cruz e Souza incomprehendido" 47
Figura 19 - Pg. 3 do texto "Cruz e Souza incomprehendido" 48
Figura 20 - "Cruz e Souza desconhecido" da Revista Santelmo, 1922. 49
Figura 21 – Pasta preta 50
Figura 22 - Pasta branca "Altino Flôres" 51
Figura 23 – Aviso de Altino Flores no verso da pasta preta 52
Figura 24 - Interior da pasta branca Altino Flôres 53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11
2. ALTINO FLORES, UM MODERNO ATRASADO 16
2.1. O MODERNISMO EM SANTA CATARINA 19
2.2. OS “ILHAMENTOS” INTELECTUAIS CATARINENSES 20
2.3. O INTELECTUAL POLÊMICO 24
3. UMA VIAGEM PELO ARQUIVO ALTINO CORSINO DA SILVA FLORES 32
3.1. OS VÁRIOS ALTINOS FLORES 34
3.1.1. O Acadêmico 35
3.1.2. O Jornalista 39
3.1.3. O Homem Público 43
3.2. RASCUNHOS DO LIVRO “BAZAR DA PROVINCIA” 45
3.3. ALTINO FLORES E CRUZ E SOUSA 47
3.4. AS PASTAS DA CAIXA LARANJA 49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 55
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES 58

1. INTRODUÇÃO

O ato de rememorar o passado é algo intrínseco a todos os seres humanos. Seja através de uma foto, de um documento ou até mesmo de uma história, acessar nossas memórias muitas vezes torna-se um reencontro do *eu* consigo mesmo, representado por múltiplas experiências. Para algumas pessoas, lembrar do passado é apenas um deleite, não sendo mais útil do que o regozijo ao relembrar de um acontecimento feliz. Para outras, contudo, é também uma maneira de construir a sua própria identidade, ressignificando fragmentos do que foi e não é mais a partir da ótica do presente. Destarte, entende-se a memória como um repositório de experiências individuais e, ao passo que todo individuo está inserido em um contexto, coletivas.

Nesse sentido, no estado de Santa Catarina, Altino Corsino da Silva Flores é tido como uma espécie de "testemunha autorizada" ou "guardião da memória", conceito utilizado por Michael Pollak para descrever indivíduos que operam ações subjetivas dentro do campo objetivo da reconstrução dos fatos[1]. Nascido em 4 de fevereiro de 1892 no município de São José no litoral do estado, Flores é considerado o "porta-voz" da geração da qual fazia parte, a chamada Geração da Academia, reunida em torno da Academia Catarinense de Letras, ou ACL. Figura notória e temida até mesmo por seus colegas, é descrito por Norberto Ungaretti como um espirito combativo e como tendo um gosto especial pela polêmica, exercendo a (in)grata posição de crítico de seu grupo, sendo ainda esmiuçador, perfeccionista e honesto quanto à sua opinião[2]. Para além disso, o acadêmico teve importante atuação no magistério, no jornalismo e na política, tendo destaque na criação da Associação Catarinense de Imprensa e também da Academia Catarinense de Letras, instituições estas das qual era presidente ou ocupava cargo de destaque. Filho de Manoel da Silva Flores e Maria Martinho da Silva Flores, casou-se com Zilda Callado (falecida em 1960), com quem teve cinco filhos: Marilia, Noemi, Percival, Ênio e Zita. Faleceu em 19 de outubro de 1983 após complicações de um câncer na laringe[3].

Posto isso, de que maneira melhor acessar a memória coletiva acerca da vida cultural da capital catarinense se não pela figura de Altino Flores, ou melhor, pelo seu acervo pessoal? Montado e organizado ao longo da vida do crítico, o arquivo aqui denominado apenas de Arquivo Altino Corsino da Silva Flores se constitui como uma extensão do pensamento de seu

---

[1] POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. p.3-15.
[2] UNGARETTI, Norberto. Mestre Altino. In: FLORES, Altino. *Textos críticos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006. (orelha)
[3] FLORES, Altino. *Textos Críticos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006, p.15-22.

criador, reunindo uma vasta gama de manuscritos, livretos, jornais e documentos de ordem pessoal, para além de inúmeras anotações e intervenções nas margens dos documentos. O presente material é descrito pelo portal de notícias ND+ como um tesouro de ordem inestimável que serve para rememorar sua rica trajetória na imprensa, na política, na educação, na literatura e principalmente na Academia Catarinense de Letras[4].

Assim, em um primeiro momento, é mister trazer à tona uma breve história desse arquivo. Considero a sua data de nascimento a mesma data de falecimento do seu criador, 19 de outubro de 1983, implicando que todo o período anterior em que esteve em posse de Altino Flores é visto como um período de "gestação", ou seja, estava ainda sendo alimentado e desenvolvido pelo seu provedor. A partir dessa data então passou para os cuidados de uma das filhas do crítico catarinense, Noemi Flores Boppré (1928-2022), que prezou pela integridade do acervo durante muitos anos, disponibilizando parte desses arquivos a entidades como a ACL para que pudessem pesquisar e tornar público o conhecimento de seu pai[5]. Acredito que foi dessa forma que um dos presidentes e ocupante da cadeira nº 32 da ACL, Lauro Junkes, foi capaz de reunir em 2006 uma coletânea de textos de autoria do acadêmico, atestando para o fato de que esta não é a primeira experiência de pesquisa diante deste acervo, somente a primeira realizada em âmbito acadêmico. É importante notar, contudo, que esse arquivo pessoal não contém nenhum dos livros que compunham a antiga biblioteca de Altino Flores, que, segundo relato de familiares, ficou para seu outro filho Percival Callado Flores, sendo doado posteriormente para o Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina.

Mais adiante, em setembro de 2013, o acervo é mais uma vez repassado para uma nova geração da família. Assim, Lucio Altino Boppré, filho de Noemi Boppré, recebe a pequena mina de ouro de documentos de seu avô acondicionada em uma mala e em uma sacola plástica (Figura 1). Vale notar que, ainda neste ano, seu filho, Fernando Chíquio Boppré, utilizou parte deste material para realizar uma apresentação sobre Altino Flores no VI Colóquio de História e Arte, realizado na UFSC[6].

---

[4] Matéria escrita por Carlos Damião para o portal de notícias ND+ em 22/07/2018. Acesso em: https://ndmais.com.br/noticias/acervo-de-altino-flores-e-um-painel-visual-do-inicio-do-seculo-20-em-florianopolis/

[5] Matéria escrita por Fabio Gadotti para o portal de notícias ND+ em 13/11/2022. Acesso em: https://ndmais.com.br/cidadania/noemi-flores-boppre-filha-do-fundador-da-aci-morre-em-florianopolis/

[6] Ver notícia sobre o evento em https://noticias.ufsc.br/2013/08/6o-coloquio-de-historia-e-arte-sera-realizado-na-ufsc-em-outubro/

Figura 1 - Lucio Altino Boppré com o arquivo em 2013

Fonte: Fernando Chíquio Boppré, 2024.

Não sendo possível consultar o material de maneira prática, fazia-se necessário realocar os papéis para outro lugar. Contudo, por se tratar de tarefa extremamente delicada, Lucio atribui a seu filho essa responsabilidade, assinalando a quarta geração da família que entra em contato com o arquivo. Dessa forma, já em 2016, Fernando Boppré toma posse dessa herança que, segundo a lógica imposta por esta pesquisa, já contava com os seus 33 anos de idade. Historiador por formação e atualmente atuando como livreiro na cidade de Chapecó no oeste do estado, o bisneto de Altino Flores realizou uma triagem dos documentos ao transferi-los para os novos recipientes, não furtando-se da possibilidade haver alterado a ordem original planejada pelo seu bisavô. Em outras palavras, o arquivo que surge hoje diante de nós não se trata mais do mesmo idealizado e construído por Altino Flores durante a sua vida, irremediavelmente alterado pelos membros de sua família que foram e são os guardiões de seus papéis. De qualquer forma, Fernando Boppré agiu em prol da integridade dos documentos, reorganizando-os e acondicionando-os a novos receptáculos[7]. Assim, atualmente, o arquivo se encontra dentro de duas caixas: uma branca e mais simples, feita de papelão, e outra laranja e mais segura, feita de plástico. (Figura 2)

[7] Relato concedido por Fernando Boppré em conversa sobre a história do Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Figura 2 - O Arquivo Altino Corsino da Silva Flores atualmente

Fonte: Imagem Pessoal, 2023.

Finalmente, é somente no ano de 2023, mais precisamente no mês de junho, que tenho o meu primeiro contato com esse tesouro da história literária catarinense. Partindo do desejo de Fernando Boppré de doar esse material para ser pesquisado e tratado corretamente segundo a lógica arquivística, seu amigo, o professor Ricardo Machado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), propôs a mim uma visita à Humana Sebo e Livraria para conversar com o guardião das memórias de Altino Flores sobre a possibilidade de utilizar o material antes de ser efetivamente doado para alguma instituição do estado e receber tratamento adequado. Reinaldo Marques em seu ensaio *O que resta nos arquivos literários* aponta para o fato que, recentemente, assiste-se a um significativo deslocamento dos arquivos de escritores do domínio doméstico das famílias para os centros de documentação e pesquisa, que avultam seu interesse por arquivos literários no contexto de uma nova cultura global que impacta profundamente as memórias locais. A partir disso, está posto então um complexo jogo de forças que buscam produzir homogeneidades e semelhanças (o vetor global) e também heterogeneidades e diferenças culturais (o vetor local)[8].

Realizado o acordo entre as partes, o material foi confiado à proteção do professor Ricardo Machado, temporariamente localizado em sua sala pessoal no campus da UFFS. Foi assim que tive acesso, praticamente irrestrito, a esta documentação rara, visitando as duas caixas

[8] MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.192-203.

sempre que possível durante as idas e vindas da vida universitária. Logo, ao encarar o material pela primeira vez, várias perguntas surgiram: O que fazer com esse arquivo? Por onde começar quando se tem uma infinidade de possibilidades diante dos olhos? Existem implicações éticas para quando se lida com o material pessoal de outro indivíduo?

Segundo a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, todo arquivo é uma invenção e toda narrativa é uma construção, podendo transitar entre as fronteiras do real e da ficção sob um viés interdisciplinar e dependendo das escolhas de cada autor[9]. Dessa forma, ressalto que a narrativa construída neste trabalho é feita a partir de uma perspectiva pessoal, abordando o arquivo de acordo com meus interesses e tecendo uma trama que busca evidenciar a intencionalidade dos documentos de Altino Flores, reconhecendo o caráter múltiplo e fragmentado do acervo.

Contudo, para entender a história desse arquivo e de seus documentos é preciso conhecer também a história de seu criador. Inicialmente, ao conversar com Fernando Boppré e visualizar o acervo pela primeira vez, me dei conta de que nunca havia ouvido falar de Altino Flores, mesmo vivendo minha vida inteira em Santa Catarina. Assim, as leituras e a busca por informações acabaram por me revelar quem era este individuo, mesmo que sob a perspectiva de outros: um crítico reacionário e apegado a um passado já superado, muitas vezes enveredando pelo caminho da ofensa pessoal para deslegitimar seus adversários. O meu desconhecimento foi substituído então por um rancor, uma mágoa que não me permitia mergulhar de cabeça no assunto.

Mas foi justamente na minha amargura que encontrei motivação para continuar. Determinado a entender quais razões levaram Flores a tomar as decisões que tomou e a expressar as opiniões polêmicas pelas quais é conhecido, me deparei com um mundo novo através de sua pena. Um lugar onde muitos habitaram e ainda hoje muitos habitam, o mundo literário me apresentou o simbolismo cruz e sousista, a prosa inteligente de Salim Miguel, a poesia das paisagens de Virgílio Várzea e muitas outras contribuições de catarinenses para o mundo da literatura. Sobretudo, despertou em mim o gosto da leitura só pela leitura, algo que havia se perdido em meio aos árduos anos da graduação que prioriza a leitura acadêmica e cientifica. Assim, um novo sentimento tomou conta de mim: a sede pelo novo. Desejando sempre conhecer mais escritores, mais obras, mais estilos, mais palavras, relaciono a minha renovada paixão pela leitura com a mesma ânsia de Altino Flores pelo conhecimento e pela legitimidade, reconhecendo finalmente que este individuo desempenhou um papel importante

[9] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Arquivos-Relicários: múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 327-340.

na história da literatura e no campo cultural do nosso estado, podendo afirmar que seu espirito inquebrantável é o mais barriga-verde entre os barrigas-verdes.

2. ALTINO FLORES, UM MODERNO ATRASADO

O período da Primeira República no Brasil, que compreende desde 1889 até 1930, é marcado por uma mudança na dinâmica política do país. Mudança essa que afetava não apenas o campo político como também o cultural e o social, promovendo um novo ideal de civilização importado diretamente da *Belle Epoque* europeia e mascarado como uma promessa de democracia para todos. Com isso, algumas províncias, agora chamadas de estados, passam por um processo de "modernização" forçado, que a história oficial – contada em grande parte pelos republicanos vitoriosos – enxerga como um *avanço* e um *progresso*, no sentido teleológico da história.

A partir da Constituição de 1891, inúmeras reformas foram promovidas pelas elites republicanas que haviam tomado o poder em 1889 através de um golpe militar. Buscando reorganizar o campo da política, para além do espaço urbano e rural, os republicanos garantem direitos individuais apenas à parcela mais rica e "civilizada" do país, nomeadamente o *cafeicultor* e o *industrial*, ao passo que, isso implica também em uma manutenção na exclusão das camadas populares desses espaços, o que já era a tônica desde o Império[10].

Dessa forma, um novo ideal de moderno se engendra no imaginário brasileiro, atrelado ao modelo de capitalismo liberal vigente na época. Assim, já adentrando o século XX, as indústrias passaram a ser sinônimo de modernização, e o sistema escravista impregnado de um passadismo atrasado deu espaço aos trabalhadores urbanos do "futuro" e as grandes cidades se tornaram cosmopolitas. A industrialização, a iluminação e a higienização dos espaços públicos, o acesso à água e a criação de uma nova rede de esgoto são elementos chave da política das oligarquias. A isso soma-se as novas disciplinas e dinâmicas de trabalho e sociabilidade instauradas nas fábricas, nas escolas, nos teatros, nas ruas da cidade, na intimidade da casa, enfim, dentro do campo cultural e social como um todo.

Contudo, é importante pontuar que, para José Miguel Arias Neto, esse processo de "regeneração" do território nacional não segue um movimento linear e progressivo, tendo ainda um caráter centralizador, concentracionista e autoritário. Ao passo que é possível observar um

---

[10] RESENDE, Maria Efigênia L. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. (org.) *O Brasil Republicano I:* o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 89-120.

acelerado desenvolvimento econômico, pautado principalmente no café, fica igualmente claro que o mesmo esforço não é empregado no desenvolvimento humano e social, se distanciando mais ainda de um regime democrático[11].

Junto a esta reestruturação do campo político e do social, que resultou em inúmeras revoltas durante a Primeira República, novas aspirações tomaram conta do campo cultural do Brasil. A revolução dos meios de comunicação e compartilhamento de informação, a alteração da paisagem do cotidiano e a influência de vanguardas europeias deram ensejo para o surgimento do pensamento moderno em nosso país. Contudo, como sugerido por Ana Maria de Moraes Belluzo, a nação brasileira não emergiu com o Estado Republicano, ou seja, foi preciso criar uma nova expressão, realmente brasileira, que superasse o descompasso da representação oficial - feita pelas elites burguesas e os clãs rurais - da vida social. Assim, o modernismo transformou a literatura, as artes plásticas, a música, a arquitetura, a arqueologia, fomentou revisões históricas, sociológicas, antropológicas, e linguísticas a partir de um novo modelo de interpretação nacional, suscitado pelos intelectuais do campo do saber[12].

Com o advento da República, São Paulo passa a ocupar uma posição importante no mercado mundial, com a sua produção de café sendo controlada financeiramente pelos ingleses[13]. Para além disso, a província passava um fenômeno de crescimento acelerado, principalmente a partir do fim do século XIX, com a rápida expansão das indústrias e a chegada de imigrantes europeus, principalmente italianos. É então nesse cenário caótico e desorganizado da vida cotidiana que um grupo de intelectuais paulistas[14], patrocinados por um empresariado que desejava se firmar culturalmente na cidade, realizam a Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal da cidad, em fevereiro de 1922. Segundo a narrativa oficial, artistas e intelectuais paulistas apresentaram sua produção a uma plateia ofendida e furiosa, sacudindo as bases do país e dividindo em antes e depois a cultura e a própria história do Brasil. O antes era o atraso, a cópia, a submissão; e o depois, graças a eles, a rebeldia, o modernismo, a atualização[15].

Dessa forma, ao se apresentarem como redentores da arte, da literatura e da sociedade brasileira como um todo, uma ruptura radical é estabelecida pelos modernistas paulistas.

---

[11] NETO, Arias. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. (org.). *O Brasil Republicano I*: o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.191-230.

[12] BELUZZO, Ana. Emergência da arte moderna. In: AMARAL, Aracy; BARROS, Regina (orgs.). *Moderno onde? Moderno quando? A Semana de 22 como motivação*. São Paulo: MAM, 2022. p.45.

[13] BELLUZO, 2022, p.46.

[14] Esses intelectuais e artistas são Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Graça Aranha, Anita Malfatti, Heitor Villa-Lobos e Menotti Del Picchia.

[15] CASTRO, Ruy. Espírito de porco: Perguntas e observações sobre um evento cuja história abriu mão dos fatos e começou a se contar sozinha. In: AMARAL, Aracy; BARROS, Regina (orgs.). *Moderno onde? Moderno quando? A Semana de 22 como motivação*. São Paulo: MAM, 2022. p.93.

Segundo o historiador Rafael Cardoso, os próprios proponentes desse movimento criaram uma barreira intransponível a partir da Semana de 22, traduzida essencialmente pela tradicional dicotomia entre o *nós* e os *outros*. Também podendo ser caracterizado como uma disputa entre os "novos" e os "velhos", esses intelectuais e artistas consideraram que qualquer esforço aquém dessa ruptura inicial do evento fundador deveria estar do outro lado da barreira, independentemente de haver ou não viés modernizador[16]. Assim, o modernismo no Brasil é construído em cima de uma ideia de descontinuidade, de superação do passado, desconsiderando toda a produção de artistas e intelectuais predecessores ao fevereiro de 1922.

Posto isso, considero válido fazer as seguintes questões: o que seria modernismo e quais suas características? Qual era o critério para ser considerado modernista? E, ainda, é possível ser moderno sem ser modernista?

Como apontado por Rafael Cardoso, variações do que se entende por "arte moderna" não são exclusividade do caso brasileiro, expondo que quanto mais se comparam as diferentes experiências nacionais e regionais, menos convincente se torna argumento sobre existir um entendimento único sobre o que é modernismo. Dessa forma, o autor explora a ideia da existência de uma "multiplicidade de modernismos", que se entrecruzam e se sobrepõem a partir da década de 1890, se não antes, concluindo que qualquer tentativa de explicar esse fenômeno a partir de uma única narrativa se torna um simplismo[17]. Esse argumento vai ao encontro do objetivo último da exposição *Moderno onde? Moderno Quando?* promovido pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo em 2022 em comemoração do centenário do evento realizado no Theatro Municipal 100 anos antes. Transformada em uma publicação posteriormente, a referida obra é recheada de discussões sobre o modernismo brasileiro a partir de diferentes perspectivas, buscando contribuir para a pesquisa e a reflexão sobre os significados da Semana de Arte Moderna, os discursos construídos sobre ela, seus antecedentes e desdobramentos[18].

É então esse contexto de rupturas e disputas pela autoridade que serve como pano de fundo para compreender a vida de Altino Flores e, consequentemente, seu arquivo pessoal. O terreno arenoso que compõe a vida cultural, social e política da Florianópolis do século XX abre margem para interpreta-lo como um sujeito moderno e filho do seu tempo, fazendo parte

---

[16] CARDOSO, Rafael. *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no brasil, 1890-1945.* São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p.16.
[17] CARDOSO, 2022, p.17.
[18] AMARAL, Aracy; BARROS, Regina. A Semana de 22: motivo e reflexão. In: AMARAL, Aracy; BARROS, Regina (orgs.). *Moderno onde? Moderno quando? A Semana de 22 como motivação*. São Paulo: MAM, 2022. p.8.

de uma geração que ansiava por mudanças e por reconhecimento. Ao passo que é também considerado atrasado por não aderir aos padrões impostos pelo grupo da Semana de 22, aqui difundidos pelos modernistas do Grupo Sul cerca de 25 anos depois do evento-fundador.

2.1. O MODERNISMO EM SANTA CATARINA

Não poderia ser diferente em Santa Catarina e, mais especificamente, em Florianópolis. A capital da província mudou seu nome de Desterro para Florianópolis ainda em 1894, evidenciando a vitória do Marechal Floriano Peixoto e dos republicanos frente a Revolução Federalista[19]. Assim, já nas primeiras décadas do século XX, o novo ideal civilizatório chega ao estado, trazendo com ele o mesmo desejo de renovação cultural presente em todo o território nacional. Novas alianças políticas são firmadas, escolas são construídas, a circulação de material impresso (revistas, jornais, almanaques, etc.) passa a ser o principal meio de difusão de conhecimento utilizado por escritores e intelectuais.

Dessa forma, novos grupos se formam em torno de centros e associações cientificas, literárias, recreativas e/ou de convívio social, como ilustrado pelo historiador Felipe Matos em sua tese de doutorado *Armazém da Província: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República*[20]. Com isso, fica evidente a expansão das redes de sociabilidade intelectual em Santa Catarina - principalmente em Florianópolis - que, de alguma maneira ou de outra, capitanearam sua influência para o campo do político e do social, encapsulando na figura do intelectual um dos principais atores do teatro da vida.

Apesar disso, segundo o próprio cânone modernista local, foi apenas em 1947 que um grupo de jovens foi capaz de abalar a conservadora Florianópolis[21], uma cidade que, segundo eles, cultural, literária e artisticamente não existia[22]. Os intelectuais, escritores e artistas reunidos em torno do Círculo de Arte Moderna – posteriormente conhecido apenas como Grupo Sul – buscaram legitimar suas ações colocando-se como patrocinadores de uma regeneração cultural e social da capital do estado. Então, a partir da segunda metade da década de 40, indivíduos como Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Élio

---

[19] ZANOTTO, Pedro Haas. De conluios e ímpetos: o federalismo, o republicanismo e a guerra em desterro. *Revista Santa Catarina em História*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 51-67, jun. 2021.
[20] MATOS, Felipe. *Armazém da província: Vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República*. 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. p.83-84.
[21] SANDRONI, Cícero. A literatura das duas margens do atlântico. In: MIGUEL, Salim. *Cartas d´África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. (orelha). *apud* MATOS, 2014. p.23.
[22] MIGUEL, Salim. “O Movimento do Grupo Sul”. In: SOARES, Iaponan (org.). *Salim Miguel. Literatura e coerência*. Florianópolis: Lunardelli, 1991. p.102 *apud* MATOS, 2014, p.23.

Ballstaedt, entre outros, passaram por um processo de canonização que reproduzia o discurso hegemônico instituído pela vanguarda paulista, assumindo a Semana de Arte Moderna de 1922 como evento fundador do modernismo brasileiro.

Fica claro então que o Grupo Sul apropriou-se e reproduziu o discurso dos modernistas paulistas, adaptando-o ao seu tempo. Ao fazer isso, esse grupo de intelectuais realizou a operação de desqualificar a produção cultural de Florianópolis anterior ao ano de 1948, momento em que foi idealizado o principal veículo de comunicação de suas ideias e valores, a *Revista Sul*[23]. Já em 23 de agosto de 1947, Salim Miguel publicava um artigo intitulado "Círculo de Arte Moderna" no jornal *O Diário da Tarde*, estabelecendo que a capital precisava "acordar do passado" e "viver, lutar" contra a mesmice do cenário das letras proporcionado pelos "antigos acadêmicos", insinuando que é aí que entrava o seu grupo de jovens corajosos com ideais elevados[24]. Em outro momento, através da *Folha da Juventude*, o grupo expôs o suposto anacronismo promovido na vida cultural local pela geração que o precedeu, afirmando que a Arte Moderna teria surgido em Florianópolis com vinte e cinco anos de atraso[25].

Para além disso, a crítica literária posterior ao Grupo Sul também coaduna com seu discurso de ruptura total, classificando os grupos anteriores como patronos do atraso e da ignorância, associados ao obscurantismo e isolamento cultural[26]. Como elencado por Felipe Matos, inúmeros críticos e historiadores como Carlos Humberto Correa, Lauro Junkes, Nereu Correa e Larissa Leal Sabino reverberam a ideia de que na ilha existia um "vazio" que deveria ser preenchido, apontando que as duas primeiras décadas do século XX passaram em branco nas letras catarinenses e onde grupos de intelectuais, escritores e artistas foram incapazes de compreender o que aconteceu em São Paulo em 1922. Nesse sentido, apesar da historiografia e a crítica literária recente buscarem desnaturalizar o discurso empregado pelos modernistas paulistas, o mesmo não ocorre no caso catarinense.

2.2. OS "ILHAMENTOS" INTELECTUAIS CATARINENSES

Tendo isso em mente, é necessário não apenas resgatar como também problematizar a produção cultural de Santa Catarina soterrada e descredibilizada pelos modernistas. Para definir

---

[23] Publicada originalmente de 1948 a 1957, todos os volumes da revista podem ser consultados em https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?id=160778

[24] SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul*: O Modernismo em Santa Catarina. Florianópolis: FCC Edições, 1982. p.9 *apud* MATOS, 2014, p.25.

[25] SABINO, Lina Leal. O grupo Sul na Literatura Catarinense. In: *Revista Travessia - Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, UFSC. V.4, n.10 (1980). p.20. *apud* MATOS, 2014, p.26.

[26] MATOS, 2014, p.23.

mais claramente quem eram os seus adversários e quais eram seus agrupamentos, Salim Miguel, membro-fundador do Grupo Sul, lança mão da metáfora das "ilhas" quando se refere ao panorama da vida literária local[27]. Afirmando assim que atividade cultural seria facilmente classificável, pois teria se processado através de ciclos bem definidos. Assim, ao fazer isso, o escritor de origem libanesa reforça a ideia de um "ilhamento" da cidade de Florianópolis, não apenas no sentido geográfico, mas igualmente no sentido cultural, político e econômico, caracterizando a cena literária como isolada e inóspita.

Em suma, Miguel determina três ilhamentos principais: o primeiro teria ocorrido ainda no final do século XIX com os intelectuais e escritores reunidos em torno do movimento literário Ideia Nova[28], o segundo seria formado pela chamada Geração da Academia e o terceiro pelos próprios modernistas do Grupo Sul. Em última análise, o catarinense afirma ainda que após esses ciclos nenhum grupo novo se consolidou ou se fixou em Santa Catarina, dando espaço para os integrantes do Círculo de Arte Moderna atuar livremente nos anos 50 e 60[29]. É importante notar aqui que, ao se referir àquela primeira geração encabeçada por Cruz e Sousa, Salim Miguel tem um cuidado maior de explicar sua trajetória e entrelaça a história do Grupo Sul a dos jovens da Ideia Nova, ao passo que o mesmo não ocorre com a geração subsequente da Academia, imediatamente contrária às ideias pregadas pelos modernistas.

Ao estabelecer balizas claras para distinguir seu grupo dos demais, surge o conceito de "gerações", entendido pelas historiadoras Ângela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen como um elemento fundamental para estudar e pesquisar a história dos intelectuais. Apontam ainda que não necessariamente uma geração se caracteriza como um "grupo de idade", sendo principalmente um grupo de formação, em que vivências comuns de acontecimentos ou de crises marcam essas pessoas, independentemente de seu conhecimento interpessoal. Finalmente, explicam ainda que períodos de "tranquilidade" como o é o caso da *Belle Epoque*, também podem dar origem a gerações, nesse caso mobilizadas pela ânsia por mudanças culturais[30].

---

[27] MIGUEL, Salim. *O Castelo de Frankenstein*. Anotações sobre autores e livros. Florianópolis: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1981. p.13-18. *apud* MATOS, 2014, p.30.

[28] Este grupo se formou a partir de reuniões realizadas na casa do então presidente da província, Francisco Luís da Gama Rosa, e sua vontade de renovar as ideias estético literárias da Desterro. Os principais nomes do grupo foram: Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Araújo Figueiredo.

[29] MIGUEL, Salim. *O Castelo de Frankenstein*. Anotações sobre autores e livros. Florianópolis: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1981. p.13-17. *apud* MATOS, 2014, p.31.

[30] GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. (Apresentação) In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p.25.

A Geração de 20, ou simplesmente Geração da Academia é o nome dado ao grupo de intelectuais que se organizou em torno da Academia Catarinense de Letras (ACL), instituição máxima das letras catarinenses da Primeira República, fundada em 1920. Como definido pelos próprios acadêmicos, Santa Catarina não possuía uma escola ou movimento literário bem definido e articulado na virada do século, sendo este um momento prolífico para o surgimento e a institucionalização de grupos de letrados que ansiavam por consolidar sua autoridade e canonização intelectual. Assim, segundo Matos, o campo da produção cultural se torna o terreno de uma batalha incessante em que os seus participantes buscam preservar ou alcançar o peso relativo dos diferentes tipos de capital artístico, ocupando posições hierárquicas e desenvolvendo estratégias de consagração e conservação de seus postos[31]. E, segundo a crítica literária posterior, o grupo que venceu essa disputa e usufruiu dos privilégios de constituir uma "elite cultural" é justamente a Geração da Academia, tendo em seu quadro de representantes nomes como: Othon D'Eça, Barreiros Filho, Tito Carvalho, Laércio Caldeira e Altino Flores. (Figura 3)

Figura 3 - Altino Corsino da Silva Flores

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores, 2024.

Tendo a geração da "Ideia Nova" se calado após perder dois de seus maiores letristas – Virgilio Várzea e Cruz e Sousa – para a cidade do Rio de Janeiro na década de 1890, uma febre

[31] MATOS, 2014, p.38.

literária acometeu o corpo catarinense, suscitando inúmeras crises[32]. Dessa forma, conforme demonstra o ex-presidente da ACL, Celestino Sachet, um novo grupo de jovens ainda em idade escolar se preparava para tomar de assalto a cidade, que ainda navegava nas águas cansadas e calmas do Romantismo[33]. Assim, já no ano de 1910, após concluírem seus estudos no Ginásio Catarinense – que em 1906 havia sido substituído por um ginásio particular sob os auspícios da ordem jesuítica, cujo ensino privado religioso era sinônimo de qualidade[34] - essa nova geração de homens de letras faz sua primeira aparição através de um periódico intitulado *O Argo*, onde lançam ao solo fértil do campo cultural em 1912 as sementes que colheriam na década seguinte. Ademais, buscavam reafirmação dentro do campo local ao se associar com Diniz Júnior e João do Rio, pretendendo primeiramente buscar construir uma legitimidade externa a partir da capital do país Rio de Janeiro para depois agirem em Santa Catarina. Infelizmente, não fui capaz de encontrar nenhuma cópia dessa revista no Arquivo Altino Corsino da Silva Flores.

Diferentemente da cisão radical promovida pelos modernistas, a Geração da Academia não renegou inteiramente a contribuição dos "velhos" literatos catarinenses, acreditando ainda ser de responsabilidade dos que aqui ficaram conduzir o novo movimento intelectual. Em *Goethe, os "novos" e os "velhos"* de 1949, Altino Flores nos introduz ao conceito inicialmente contraditório de uma geração ao mesmo tempo tradicional e revolucionária; tradicional no sentido de não poder dispensar as conquistas efetivas obtidas pela geração anterior, e revolucionária quanto às aspirações renovadoras, buscando sempre ultrapassar o passado[35]. Assim, apesar de utilizar esse argumento para criticar as ações dos modernistas catarinenses, se pode inferir que o mesmo também serve para classificar a atuação dos jovens do Ginásio Catarinense nas primeiras décadas do século XX.

Posto isso, Felipe Matos argumenta que não houve no período da Primeira República uma grande querela entre "novos" e "velhos", havendo, contudo, uma disputa de poder dentro do campo cultural entre a Geração da Academia e os "poetas menores" [36]. Também conhecidos como "novíssimos" [37], esses indivíduos eram em suma aqueles que não figuravam entre o grupo dos acadêmicos, sendo fortemente criticados pelos seus membros. Assim, as batalhas travadas entre esses grupos se davam através do material impresso, principalmente nos periódicos, que

---

[32] FLORES, 2006. p.161.
[33] SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Udesc, 1974. p.27-33.
[34] MATOS, 2014, p.48.
[35] FLORES, Altino. *Goethe, os "novos" e os "velhos".* Florianópolis: Edição do Autor, 1949. p.37
[36] MATOS, 2014, p.32.
[37] De acordo com Celestino Sachet, os "novíssimos" eram: Delminda Silveira, Ildefonso Juvenal, Ogê Mannebach e Trajano Margarida.

estavam em ascensão com o desenvolvimento da incipiente imprensa catarinense. Essa contenda cultural pende para o lado de Altino Flores, Othon D'Eça, Barreiros Filho, Tito Carvalho, etc., ao passo que os mesmos são abrigados nas asas do governo de Hercílio Luz a partir de 1918, corroborando para a construção da narrativa de que a Geração da Academia era a única expressão cultural de seu tempo.

É importante notar que, apesar de constituírem um grupo fechado aos seus membros, os acadêmicos pouco compartilhavam do mesmo sistema de ideias estético-literárias, até mesmo divergindo no que diz respeito a política e a religião[38]. Tendo isso em mente, Felipe Matos afirma:

> Que a "Geração da Academia" deve ser compreendida como um grupo de escritores contemporâneos que responderam aos mesmos desafios históricos e comungaram de um desejo coletivo de afirmação literária, condição fundamental de sua canonização, a despeito de suas idades, afinidades ideológicas e estéticas. Por razões históricas ou culturais, tais escritores se encontravam reunidos em torno da fundação da Academia Catarinense de Letras, sem que necessariamente todos eles tenham constituído uma única "escola literária"[39]

E ainda:

> Sob os auspícios do Governo, estes homens de letras fizeram literatura e política, criaram instituições, organizaram eventos, publicaram livros, editaram periódicos, ocuparam cargos públicos e se consagraram como a elite intelectual do Estado na Primeira República, posição contestada pela hagiografia literária apenas ao fim da década de 1940, com a ascensão do grupo modernista do Círculo de Arte Moderna.[40]

Essa afirmação do caráter plural desse agrupamento de intelectuais vai ao encontro de sua pretensão à legitimidade cultural, expondo sua capacidade de debater e articular temas literários mesmo sem possuírem um sistema de valores que os concatenava.

2.3. O INTELECTUAL POLÊMICO

Aquele que é tido como a figura mais polêmica da Geração da Academia é sem sombra de dúvidas Altino Flores. Sendo considerado um crítico feroz e astuto, que utiliza sua pena para produzir conhecimento através da escrita inteligente e atenta aos detalhes, Flores contribuiu também para a construção da memória histórica e literária de sua terra. Dessa forma, fundou e dirigiu jornais, realizou conferências, foi membro do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e protagonizou intensas disputas com aqueles que não coadunavam com seu

[38] FLORES, 2006, p.64.
[39] MATOS, 2014, p.34.
[40] MATOS, 2014, p.34.

gosto estético-literário, mantendo-se sempre fiel aos cânones de sua geração[41]. Dentre esses episódios, é imprescindível destacar a polêmica com o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira a propósito da obra de Ernest Renan, que agitou os meios culturais e religiosos de Florianópolis no início da década de 1920[42]. Em última análise, Flores também alimentou desavenças com seus próprios colegas e familiares, evidenciando a sua seriedade ao encarar a produção intelectual, apontando falhas, incoerências, inexatidões e erros[43].

Ao definirem o intelectual, Angela de Castro Gomes e Patricia Hansen o caracterizam como um sujeito da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social[44]. Para Beatriz Sarlo, os eixos da prática intelectual do século passado são a crítica daquilo que existe, o espírito livre e anticonformista, o destemor perante os poderosos e o sentido de solidariedade com as vítimas[45].

Nota-se então que que a história sempre mantém contornos fluídos acerca desses personagens considerados "esclarecidos" em relação ao resto da sociedade, ao passo que a literatura do assunto costuma datar o nascimento do intelectual contemporâneo na França, devido ao manifesto proposto por Émile Zola no decurso do Caso Dreyfus entre 1898 e 1899[46]. O historiador Jean François Sirinelli destaca o caráter polissêmico da noção de intelectual e o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, o que explica a dificuldade de estabelecer critérios para definir a palavra. Desse modo, defende uma definição de geometria variável, mas que se baseia em invariantes, compreendendo jornalistas, escritores, professores e eruditos como intelectuais, também como outros atores da vida sociocultural[47].

Diante disso, Altino Flores pode ser visto como um intelectual em sua plenitude, flutuando entre as várias descrições previamente concebidas por teóricos da história intelectual. Mais que isso, o catarinense viveu intensamente essa profissão antes mesmo de tornar-se uma profissão, sendo um dos primeiros intelectuais de Santa Catarina propriamente dito. O ocupante da cadeira nº 23 da ACL sentia-se ainda como aquilo que Sarlo classifica como um Representante, que toma a palavra em nome de outros homens e acredita estar dizendo o que

---

[41] UNGARETTI, Norberto In: FLORES, 2006. (orelha)
[42] Para saber mais sobre essa querela ver PEREIRA (2010) e FLORES (2006).
[43] UNGARETTI, 2006, (orelha).
[44] GOMES; HANSEN, 2016. p.10.
[45] SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p.165.
[46] GOMES; HANSEN, 2016, p. 10.
[47] SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política***.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.242.

os outros não podem ou não sabem dizer[48], corroborando mais ainda com sua pretensão à legitimidade perante outros indivíduos.

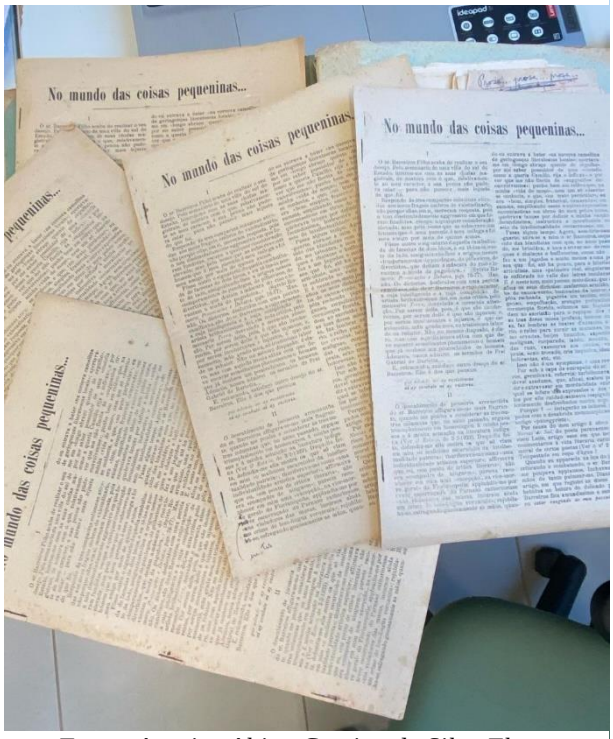
Sirinelli expõe então um problema crucial que surge ao estudar a história dos intelectuais: a abundância de documentos. O autor argumenta que quem trabalha nessa área é ameaçado pela síndrome do mineiro que é soterrado justamente pelo ouro que tanto deseja.[49]. Isso se traduz para o acervo pessoal de intelectual catarinense, tendo em vista o seu caráter amplo e fragmentado, composto por inúmeros manuscritos, cartas, jornais, impressos, etc., que muitas vezes estão duplicados, triplicados e até mesmo quadriplicados. O Arquivo Altino Corsino da Silva Flores oferece ao observador um histórico importante da atuação de seu criador como intelectual em Santa Catarina através dos próprios documentos e das intervenções nas margens, não possuindo balizas temporais.

Sendo a crítica uma das funções do intelectual, Altino Flores não temia criticar nenhum individuo, nem mesmo seus colegas da Academia Catarinense de Letras. Assim sendo, uma de suas mais conhecidas polêmicas é aquela travada com seu próprio cunhado, Barreiros Filho, reunida no opúsculo *No Mundo das Coisas Pequeninas*[50], se tratando de uma separata da Revista Panal lançada em 1924[51]. O referido material encontra-se então espalhado no arquivo pessoal do catarinense (Figura 4), possuindo pelo menos mais de 5 cópias ao longo das duas caixas, sendo acompanhado por muitos outros documentos que referenciam a querela dos dois amigos. Não tendo conhecimento sobre qual foi o motivo que iniciou a desavença entre os amigos, em *No Mundo das Coisas Pequeninas*, Altino Flores defende-se de comentários feitos por Barreiros Filho sobre seu artigo sobre a vida literária curitibana e a obra *Nevoas do Sul* do poeta paranaense Francisco Leite. Apesar de não indicar em qual jornal ou revista a crítica de Barreiros Filho foi publicada, o intelectual catarinense aponta que o artigo citado se encontra na *Revista Panal* Nº2.

---

[48] SARLO, 1997, p.161.
[49] SIRINELLI, 2003. p.245.
[50] MATOS, 2014, p.73.
[51] PEREIRA, Moacir (org.). *Altino Flores:* Fundador da ACL. Florianópolis: Insular, 2010. p.168.

Figura 4 - Cópias de "No Mundo das Coisas Pequeninas"



Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

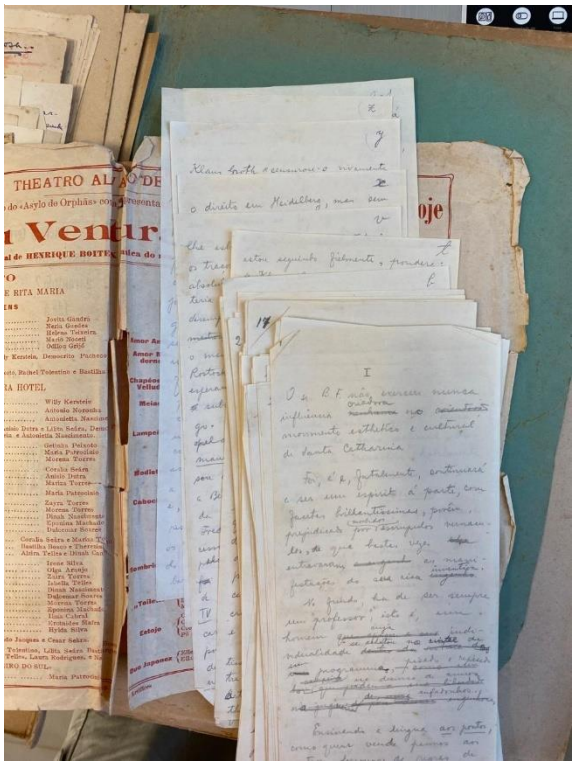
Contendo pouco menos de 7 páginas o artigo *No Mundo das Coisas Pequeninas* é lançado em 29 de outubro de 1924, momento em que ambos os catarinenses se encontravam no seu auge literário. Ao longo do texto Altino Flores rebate ferozmente as palavras de Barreiros Filho, apontando a incoerência do "homem que é meu parente, é meu collega e foi meu amigo por mais de quinze anos"[52]. De forma irreverente, o intelectual catarinense cita passagens e excertos de seu adversário e passa a dissecar incessantemente cada argumento, mostrando suas falhas e explicando seu ponto de vista, até mesmo apontando como no passado Barreiros Filho criticou as letras catarinenses e naquele momento as defendia, contudo, de maneira vazia.

Em outro momento em que estive em contato com o arquivo fui capaz de encontrar uma pasta intitulada *Coisas do Aldrovando Cantagallo*. Dentro dela encontra-se um manuscrito original de Altino Flores que está organizado ora por números ora por letras e que discorre longamente sobre Barreiros Filho. O primeiro paragrafo do texto dá o tom da composição "O Sr. B.F. não exerceu nunca influência criadora no movimento eshetico e cultural de Santa Catharina" (Figura 6). Para além disso, uma outra pasta trás em seu verso uma mensagem que comenta brevemente sobre a briga dos cunhados, lê-se "Interrompi a polêmica com o Barreiros, porque minha irmã, com êle casada, se afligia profundamente com a discussão." (Figura 5).

[52] Ver No Mundo das Coisas Pequeninas, p.1

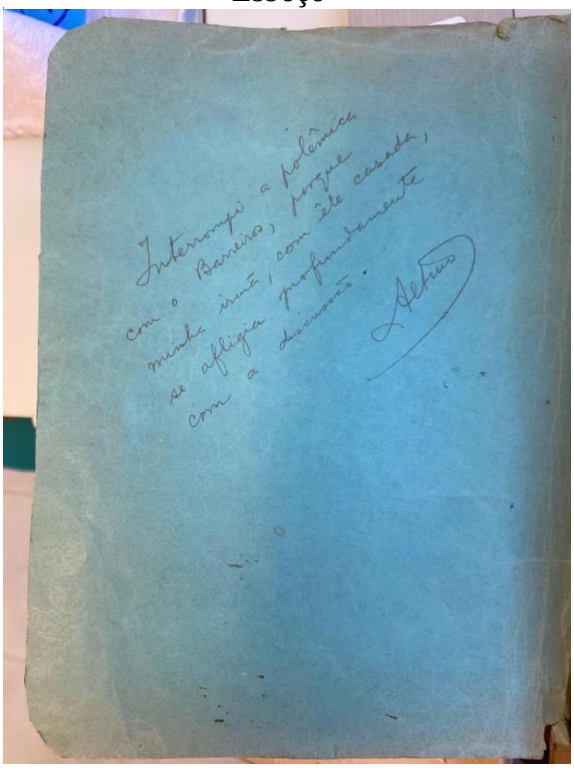
Outros elementos que demonstram a querela dos dois podem ser elencados, mas não serão aqui visitados por não ser interesse primário da pesquisa, deixando margem para futuras empreendidas sobre o arquivo de Altino Flores.

Figura 6 - Manuscrito de Altino Flores sobre B.F.



Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Figura 5 - Verso da pasta "Materiais e Esboço"



Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

É no ato de criticar e polemizar sua produção que o catarinense constrói para si a alcunha de “porta-voz” de sua geração, elaborando seu discurso de forma a legitimar seu grupo. Nesse sentido, a criação da Sociedade Catarinense de Letras em 1920 e a sua posterior transformação ao status de Academia em 1924 teve como principal função servir como uma instância de consagração, tornando Altino Flores e seus companheiros institucionalmente reconhecidos[53]. Felipe Matos adiciona ainda que:

> Com a estabilização do regime republicano, a elite cultural local assumiu para si a “missão” de tutelar a sociedade durante a implantação de ideais que julgavam universais, verdadeiros e belos. Juris, juízes e executores da produção cultural de seu tempo, produziram imagens do “marasmo”, do “isolamento”, do “atraso” cultural,

[53] REIBNITZ, Cecilia. *Altino Flores e a construção da memória da literatura catarinense*. Florianópolis: ANPUH, 2015. p.3-4.

> legitimando suas ações como regeneradoras da paisagem urbana e social de Florianópolis.[54]

Assim, ao definir quem está fora e quem está dentro de seu grupo, o ocupante da cadeira Nº 23 da ACL assume uma voz de crítico literário independente, utilizando a 3ª pessoa como forma de se distanciar de seus colegas. É possível observar isso na série de textos publicados no jornal *O Dia* em 1916, onde define quem são os velhos, os novos e os novíssimos e também no já referido opúsculo de 1949, *Goethe, os "novos" e os "velhos"*. E, apesar de sua produção ter ficado em grande parte dispersa por jornais, revistas e livros, sendo este último escasso devido às dificuldades inerentes quanto a produção e impressão do material, o seu arquivo pessoal remedia parcialmente essa situação, reunindo grande parte de seus textos.

Como forma de justificar o posto de espirito mais combativo de sua geração, Percival Callado Flores, filho de Altino Flores, redige um pequeno texto na aba do livro *Sondagens Literárias* de 1937. Apontando então que:

> É que, a seu ver, num meio onde escasseava o interesse por assuntos de Literatura, impunha-se suscitar debates e controvérsias em torno deles, sempre que se oferecesse ocasião, pois silêncio e imobilidade assinalam morte, enquanto que a vida é agitação e luta. Uma vez admitido o pressuposto de que rara, raríssima é a obra literária que se não ressinta de quaisquer defeitos – na ideação, na estrutura, na forma ou no estilo – cabe ao crítico o dever de discerni-los e, sem desprimor, argui-los.[55]

Para além dele, inúmeros outros intelectuais como Gustavo Neves, Nereu Corrêa, Osvaldo Machado e Maura de Senna Pereira concederam e concedem sua aprovação sobre a atuação polêmica do acadêmico, ressaltando sempre sua sempre inteligência e sua integridade[56]. Norberto Ungaretti afirma em texto no jornal *O Estado*[57] que o caráter polêmico do grande mestre da Academia nunca foi gratuito nem superficial, apontando para o fato que Flores detinha um conhecimento sólido sobre a cultura clássico-literária, que fornecia fundamento para suas divergências de ponto de vista[58]. Dessa forma, é nítida a eficiência do discurso de autolegitimação promovido por Altino Flores, corroborado não apenas por seus contemporâneos como também pela crítica posterior.

Enfim, ao retornar ao cânone modernista que classificava a Geração da Academia como retrógrada e atrasada, nota-se que na realidade o grande alvo de críticas era a figura de Altino Flores, ao passo que alguns de seus outros colegas como Othon D'Eça e Henrique Fontes mantinham relações cordiais com os integrantes do Grupo Sul. Assim, o argumento que coloca

---

[54] MATOS, 2014, p.80
[55] FLORES, 2006, p.19.
[56] FLORES, 2006, p.15-22.
[57] Publicado no dia 20/10/1983, data de falecimento de Altino Flores.
[58] FLORES, 2006, p.18.

os dois grupos como antagonistas e que valoriza suas disputas no campo cultural perde um pouco de força ao fazer um levantamento das redes de sociabilidade que cercam essas gerações, apesar do sistema filosófico moralista pregado pelos acadêmicos não coadunar com o comportamento boêmio dos jovens modernistas[59].

2.4. PAPEIS E MAIS PAPEIS

Outro elemento chave para o desenvolvimento dessa pesquisa é a atenção dada a questão da cultura impressa. Felipe Matos afirma que

> A responder demandas colocadas pelo desenvolvimento do comércio, da burocracia pública e da difusão das letras na vida cotidiana, as tipografias de Florianópolis imprimiram, durante a Primeira República, uma variedade de materiais, de jornais, opúsculos, brochuras, impressos oficiais e edições de ficção, às revistas e almanaques, que ganharam um espaço crescente na pauta de publicações locais, aproximando a imprensa de folhas e revistas, o jornalismo e as letras, da vida urbana.[60]

Sendo assim, houve nas primeiras décadas do século XX uma consolidação do periodismo, principalmente jornais e revistas, como veículo de difusão de conhecimento em um momento que a República positivista tentava remediar a situação do analfabetismo no Brasil. E, ao tomar para si a missão de tutelar a sociedade, a elite cultural constituída pelo grupo de Altino Flores passa a utilizar o impresso como espaço de representação de seu grupo, buscando se tornarem socialmente visíveis, tornando-se um essa atividade um exercício de poder e uma dominação simbólica que se impunha no imaginário coletivo[61].

No que diz respeito a isso, Altino Flores tem uma extensa carreira protagonizada principalmente nas páginas de jornais e revistas de Florianópolis. Aos 14 anos fundou o folhetim escolar *O Estudante* (1906) juntamente com seu colega de Ginásio, Haroldo Callado, impresso na casa editora do jornal *O Dia*, onde o pai de Haroldo, Martinho Callado, era redator chefe. É importante explicitar sua relação com Martinho Callado visto que foi ele que o instigou a escrever para seu jornal, marcando a estreia de Flores na "grande" imprensa, como assinalado por Felipe Matos[62]. Já ao decorrer da década de 1910, o crítico apareceu nas folhas de inúmeras revistas como *O Argo* (1912), *O Olho/A Phenix* (1916), *Oásis* (1918), *Revista Ilustrada* (1919) e finalmente a *Revista Terra* (1920) na qual a Geração da Academia ansiava por tornar o meio

---

[59] MATOS, 2014, p.28-29.
[60] MATOS, Felipe. Periódicos da Província: circulação e produção de impressos em Florianópolis na Primeira República. In: LEMOS, Clarice; PIAZZA, Maria (Orgs.). *Cultura Impressa: das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica.* Curitiba: Editora Prismas, 2017. p.63.
[61] MATOS, 2017. p.84.
[62] MATOS, 2014. p.53.

de comunicação oficial do grupo. Nos jornais, Altino Flores escreveu para *O Dia, A Opinião, A Gazeta, Santelmo* e também *O Estado*, sendo também dono deste último por cerca de 20 anos.

Contudo, o próprio jornalista assinalava em 1937 que havia um descaso do povo em relação às letras catarinenses, apontando que os periódicos estavam fadados a falhar por causa da cultura da época, reconhecendo ao final que não realizou estudo aprofundado sobre o assunto e deixando margem para especialistas se debruçarem sobre o tema[63]. Esse texto pode ser encontrado então em seu arquivo na forma de um recorte de jornal na caixa branca, onde uma anotação na margem assinala a sua data de publicação (Figura 7).

Figura 7 - Coisas e Loisas da cidade do "O Estado", 06/03/1937

6-3-1937

O ESTADO — Sabbado

Coisas e loisas da cidade

A tão baixo desceu o nivel da cultura literaria em Santa Catharina, que se rebaixou numa pasmaceira vergonhosa e esteril.

Comprovado foi sempre o facto de, entre nós, não attingirem longa vida os periodicos exclusivamente literarios. Appareciam, luciliavam por algum tempo e, sem razões grandemente fortes, entravam a perder as sympathias públicas, para, enfim, se mirarem na mediocridade e na miseria.

Si não sobreviviam na sequencia dos annos, ao menos se reproduziam e pullulavam, por aqui e por ali. A seiva literaria catharinense não circulava num tronco de cedro secular e rijo: fluia por uma calha furada de longe em longe...

Porém, é justo que reconheçemos nessa insistencia o humano, legitimo desejo de firmar a continuidade historica de nossa evolução cultural. Falhavam as tentativas, como que nascidas á luz de uma estrella fatidica, mas estava na renovação dellas a prova do vigor dos espiritos que as realizavam.

Entretanto, a massa, em geral, entorpecida por uma tradição de indifferentismo commodista, preoccupando-se apenas com a miuda urdidura da vida provinciana, mal orientada por uma burguesia desconfiada e sem horizontes, era surda a todos os appellos dos raros illuminados. Como que encolhida sob uma crosta de amianto, não se aquecia siquer ás chammas crepitantes com que aquelles «raros» aspiravam a refinar a sensibilidade de seus conterraneos.

Generalizou-se, desse modo, uma atmosphera hostil ás desinteressadas cogitações da arte. Já não falo no pensamento puro, porque aqui não ha nem houve cerebro que se relevasse pela capacidade de manejar idéas abstractas e ainda menos de criar um systema philosophico na integral entrosagem do desenvolvimento logico.

Portanto, o que sobrevelo

O Estado, 6-3-937

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Mesmo sendo efêmeros ou de maior duração, Felipe Matos expõe que é a partir dos impressos que é possível perceber os indícios de mudanças, continuidades, formações de grupos e polarizações, permitindo pensar as redes de sociabilidade intelectual e alargar o conhecimento sobre o campo cultural[64]. Outro aspecto válido de atenção é que, ao utilizar os jornais e revistas como espaço de representação, essa prática constituía um complemento da atuação do

[63] FLORES, Altino. *Coisas e Loisas da cidade.* Jornal *O Estado*, 06/03/1937.
[64] MATOS, 2017, p.91.

intelectual, consolidando sua autoridade[65]. Prática essa que era usada e abusada por Altino Flores, tendo em mente ainda que o seu acervo pessoal é composto em grande parte por recortes de jornais que estão acompanhados de seus próprios textos, sendo possível ainda esboçar uma trajetória desse homem das letras na cultura impressa de Florianópolis.

3. UMA VIAGEM PELO ARQUIVO ALTINO CORSINO DA SILVA FLORES

Logo no primeiro contato com o material, sem ao menos ter aberto alguma caixa, senti-me perdido, sem direção, soterrado pelo peso da memória de Altino Flores que estava diante de mim na forma de seu arquivo pessoal. Arquivo esse que, apesar de se tratar de um acervo organizado por uma das figuras mais polêmicas da Santa Catarina do século XX, ocupa um espaço subalterno no campo da pesquisa universitária. Atribuo esta condição à duas razões principais: Em primeiro lugar, ao esforço empreendido pelos modernistas do Grupo Sul para superar e "esquecer" o grupo conhecido como a Geração da Academia, encabeçado por Altino Flores, e seus padrões estético-literários. E, em segundo lugar, ao fato de que o material, por estar em posse da família, nunca foi organizado, catalogado e analisado cabalmente, apenas sendo consultado pontualmente por acadêmicos que mantiveram contato com a família Flores após o falecimento do autor de *Sondagens Literárias* em 1983.

Quando finalmente abri as caixas, os documentos que ali estavam adormecidos há algumas décadas acordaram de supetão, saudando-me com palavras, datas, selos, assinaturas e informações desconexas que geraram um ruído ensurdecedor. Desnorteado, e munido apenas de um conhecimento frágil e fragmentado sobre a trajetória de Altino Flores, fui capaz de identificar poucos documentos em meio ao barulho, ficando perdido em meio as inúmeras vozes que falavam comigo através dos papéis. Frustrado, mergulhei de cabeça no acervo e passei a estudar a vida de seu criador, sendo envolvido por aquilo que a historiadora Angela de Castro Gomes identifica como o grande feitiço do arquivo privado, acreditando cegamente estar conhecendo de maneira intima o verdadeiro Altino Flores ao manusear sua documentação pessoal[66]. Como apontado pela autora, contudo, é preciso cautela ao abraçar um arquivo, sendo necessário selecionar e escolher as fontes a serem trabalhadas, de modo a não recriar aquela fábula do historiador que naufraga num mar de documentos sem rumo.

---

[65] MATOS, 2017, p.84

[66] GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. p. 125.

Diante disso, Reinaldo Marques chama a atenção para o caráter heterogêneo dos arquivos. Constituídos por inúmeros documentos que exigem diferentes modalidades de tratamento, como a catalogação, a restauração, a conservação, etc., os acervos literários evidenciam a necessidade de um enfoque multidisciplinar, articulando múltiplos saberes especializados, tais como a história e a arquivística, mas também a biblioteconomia, a museologia e a informática. Para além disso, o autor aponta ainda que muitas vezes podemos ser surpreendidos por diferentes tipos de resíduos nos arquivos, que são nada mais que objetos que resistem a classificação tradicional[67].

Entretanto, a professora Maria Teresa Santos Cunha adverte que "os documentos que permanecem nos acervos pessoais são aqueles que resistiram ao tempo, à censura de seus titulares e à triagem das famílias[68]". Isso se torna relevante para esta pesquisa ao passo que o arquivo pessoal em questão já está sob posse da quarta geração da família de Altino Flores, sendo forçoso admitir que as várias subjetividades que agiram sobre ele inevitavelmente alteraram a sua forma original. Corroborando com isso está o fato de que as fotografias exibidas em uma matéria sobre o acervo publicada pelo portal de notícias ND+ em 2018[69] não estão mais presentes junto do material, deixando margem para acreditar que foi alguém da família que as retirou de lá.

Na edição de 14 de novembro de 1972 do jornal *O Estado*, o já octogenário literato compara a memória humana com uma espécie de saco onde vão se acumulando lembranças ao longo do tempo, assinalando que, à medida em que se vai envelhecendo, o saco desgasta-se e rompe-se, perdendo muitas dessas lembranças ao longo do caminho[70]. Assim, é possível que o seu arquivo pessoal sirva como uma espécie de camada extra para essa sacola de lembranças, não deixando as memórias escaparem e, melhor ainda, oferecendo uma oportunidade de refletir sobre os acontecimentos passados e de explicar o seu ponto de vista. Contudo, ao abordar um arquivo é preciso ter em mente de que o mesmo não fala a verdade, e sim *da* verdade, como assinalado por Arlette Farge em *O Sabor do Arquivo*[71]. Em outras palavras, os documentos acomodados em um acervo pessoal por si só nada dizem, é preciso saber interroga-los historicamente,

---

[67] MARQUES, 2011, p.193.
[68] CUNHA, Maria Teresa Santos. *(Des)arquivar*: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019. p.30.
[69] Matéria escrita por Carlos Damião para o portal de notícias ND+ em 22/07/2018. Acesso em: https://ndmais.com.br/noticias/acervo-de-altino-flores-e-um-painel-visual-do-inicio-do-seculo-20-em-florianopolis/
[70] O Estado, 14/11/1972
[71] FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. Tradução: Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

munido do rigor da teoria e equipado com a sutileza da metodologia, sendo indispensável investigar as suas condições de produção e as transformações as quais foram submetidos.

3.1. OS VÁRIOS ALTINOS FLORES

Maria Luiza Tuzzi Carneiro propõe uma categoria nova para arquivos pessoais. Chamados de *arquivos-relicários*, tratam-se de um

> acervo distinto por suas preciosidades (ou maldades), nem sempre interpretadas como tais; um depositário de lembranças ou um conjunto complexo de emblemas que, em um determinado momento, deram brilho à vida de um individuo, de uma comunidade ou de uma instituição[72]

Fazendo uma relação com a metáfora da Caixa de Pandora da Grécia Antiga, a autora descreve essas relíquias como um baú de preciosidades com inúmeros resíduos deixados por uma pessoa em vida. Alguns desses arquivos são então intencionalmente construídos, escolhendo de maneira intencional o que é guardado, assim como foi feito na caixa da lenda.

Tendo isso em mente, aproximo o conceito de arquivamento da própria vida, utilizado extensamente pelo historiador francês Philippe Artiéres. O autor comenta que:

> Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens[73].

Ou seja, mais importante do que definir um objetivo último a partir de um recorte e empreender métodos de pesquisa, é preciso primeiro se atentar para a composição e a organização desse arquivo. Por meio disso é possível compreender a maneira como o próprio Altino Flores construiu minuciosamente a sua própria identidade e, de certo modo, a identidade de seus contemporâneos. As intervenções feitas nos manuscritos e nos recortes de jornal se apresentam muitas vezes como uma rasura de uma frase, ou até mesmo um parágrafo inteiro, evidenciando o desejo de seu compositor em não expor seus comentários negativos. Em outros momentos, o acadêmico deixa uma nota pedindo para o texto “não ser publicado”, não explicando seus motivos. Para além disso, é importante notar também as ausências desse acervo, que, apesar de extenso, traz grandes lacunas temporais e recortes de assuntos específicos, deixando outros de fora.

---

[72] CARNEIRO, 2011, p. 332.
[73] ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998.p. 3.

Ademais, Artiéres argumenta que o arquivamento não é uma prática neutra, e se configura, simbolicamente, como a construção de uma defesa. Assim, a frase "Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo"[74] é significativamente importante para Altino Flores, visto que, por estar tão fielmente apegado aos cânones de sua geração, se viu soterrado e ameaçado pelos modernistas do Grupo Sul a partir de 1947, indiciando a necessidade de construir a sua própria memória histórica. Para além disso, é posto que "arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte"[75] o que coincide com o desejo do crítico catarinense de imortalizar o seu nome na história da literatura catarinense.

Colocando então o arquivo sob perspectiva, ou pelo menos a parcela dele que me foi possível explorar, percebe-se que é impossível refletir sobre o material sem ter em mente as diversas subjetividades que atuaram na sua constituição e preservação ao longo dos anos. Sendo assim, aquele indivíduo que mais mostrou-se ativo neste processo é, sem sombra de dúvidas, o seu idealizador e organizador original, Altino Corsino da Silva Flores. O crítico tenaz, o pai cauteloso, o decano dos jornalistas catarinenses, seja qual for, todas as múltiplas faces deste indivíduo escoaram para o acervo em questão, deliberada ou acidentalmente, em maior ou em menor grau.

3.1.1. O Acadêmico

Uma destas inúmeras faces presentes no corpo do arquivo é a de acadêmico inconsútil[76]. Após figurar como um dos sócios-criadores da Sociedade Catarinense de Letras em 1920 ao lado de nomes como José Boiteux, Othon d'Eça, Laércio Caldeira e Barreiros Filho, Altino Flores dedicou o resto da sua vida para a entidade, participando ativamente de sua expansão e atuando como secretário ao lado de três presidentes. Inicialmente pensada nos moldes da Academia Brasileira, que, por sua vez, imitava o modelo da *Académie Française*[77], a Sociedade troca seu nome oficialmente para Academia Catarinense de Letras no ano de 1924, mantendo os principais preceitos da instituição francesa, entre eles o estatuto da imortalidade. Segundo Alessandra El Far, todos aqueles que pertencem aos quadros desse tipo de associação são

[74] ARTIÉRES, 1998. p.31.
[75] ARTIÉRES, 1998, p.32
[76] Ver JAMUNDÁ, Theoblado Costa. Acadêmico Inconsútil. In: PEREIRA, Moacir (org.). *Altino Flores: Fundador da ACL*. Flórianópolis: Insular, 2010.
[77] Ver Revista Terra, nº 17, de 24 de outubro de 1920.

necessariamente qualificados como "imortais", tendo seu nome e sua obra enaltecidos pelos demais e lançados à posteridade através de sessões ordinárias e celebrativas. Para além disso, a autora identifica outras estratégias empregadas pelos acadêmicos para glorificar o passado e sedimentar o perfil de seus confrades, como a confecção de estátuas e as elegantes sessões de recepção de novos membros. Com isso, é iluminando o fio condutor que liga o tempo pretérito ao presente e que evidencia uma tradição que transcende a geração do momento, buscando sempre destacar seus membros como sumidades nacionais aclamados pelo povo[78].

E não o era diferente em Santa Catarina. Felipe Matos identifica a ACL primariamente como um espaço de consagração, um coroamento, não mais do que uma insígnia de distinção dos demais literatos. Aponta ainda alguns ritos e estratégias adotadas pelos acadêmicos catarinenses que tinham como objetivo último prestigiar a instituição, conservar sua autoimagem e instituir uma memória, espelhando-se no modelo francês[79]. Com isso, é imperativo concluir que, Altino Flores, por um dia ter ocupado uma das quarenta cadeiras da Academia, certamente desejou tornar-se um "imortal", dedicando uma grande parte de sua vida para a entidade que ajudou a fundar na década de 20. Como já mencionado anteriormente, seu arquivo pessoal permite então reconhecer este homem que é lembrado como acadêmico e tradicional até seu último fio de cabelo, que compareceu fielmente ao sodalício até que sua saúde permitiu[80], e que não hesitou em construir uma imagem positiva para si e para seus companheiros ao longo do século passado. Aliando isso ao argumento já estabelecido de que o arquivamento não é uma prática neutra, o conteúdo das duas caixas pode ser entendido como mais um mecanismo de viés acadêmico que tem a pretensão de consagrar e imortalizar determinados indivíduos.

O acadêmico Altino Flores pode ser visto de corpo inteiro na forma de um documento encontrado dentro da caixa branca, sendo ele uma série de recortes de jornais que transcrevem o discurso que Flores proferiu na sessão de recepção de José de Diniz a ACL em 1929. Assim como assinalado por El Far, essas sessões eram consideradas o ápice do processo de consolidação da memória institucional, onde os discursos proferidos sublinhavam a existência de uma tradição e conectavam o passado ao presente. Isso explica a preocupação de Altino Flores em conservar esse documento da maneira que o fez, criando uma espécie de folhetim

---

[78] EL FAR, Alessandra. A Presença dos Ausentes. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000.
[79] MATOS, 2014, p. 71.
[80] Sua última conferência diante de seus colegas de Academia aconteceu em 1970. Sobre isso ver FLORES (2006) e PEREIRA (2010).

com folhas de almaço e que apresentam ainda um texto escrito por outra pessoa na capa, levando o pesquisador a imaginar: quem seria o autor daquelas palavras?

Outro elemento fundamental que corrobora para construir uma imagem póstuma para Altino Flores é a produção de textos e livros de seus colegas acadêmicos. Em 2006 o professor Lauro Junkes organizou um compêndio em que reuniu a dispersa produção de Flores em blocos temáticos, tendo como horizonte a temática da literatura e com o objetivo de colocar novamente em circulação e ao alcance dos leitores boa parte dos escritos do autor de *Goethe, os Novos e os Velhos*[81]. É interessante observar também que a transcrição feita por Junkes desses textos busca manter-se fiel ao que Altino Flores escreveu originalmente, apenas adequando-os à norma ortográfica de então.

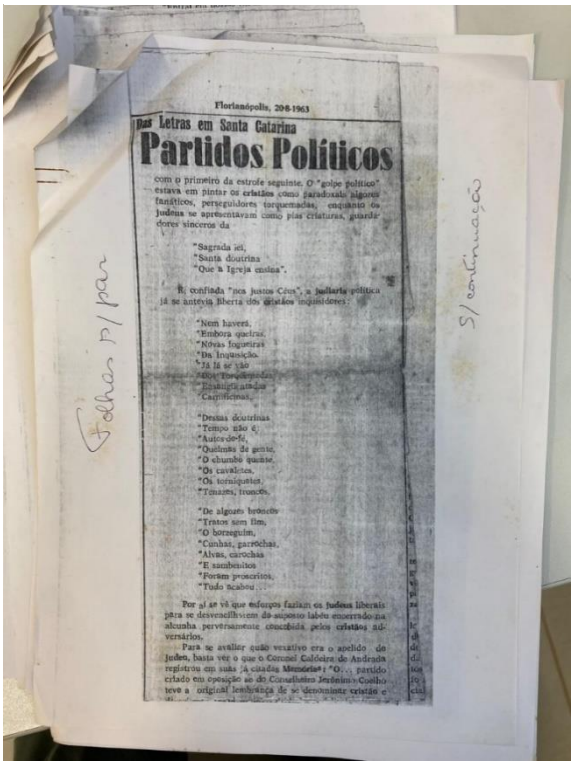
Paralelamente, muitos desses textos podem ser encontrados igualmente dentro do arquivo pessoal que é objeto dessa pesquisa, conservados pelo seu autor original. O que chama a atenção, contudo, é o fato que não existe coerência na maneira com que esses documentos se apresentam ao pesquisador. Um desses textos pode ser encontrado no formato de um recorte de jornal inúmeras vezes com as mesmas intervenções em suas margens, por vezes apenas diferindo quanto a sua posição ou a cor da caneta (Figura 8). Outro texto pode surgir no formato de uma fotocópia, um xerox, que utilizamos hoje em dia, com várias cópias em preto e branco onde as sombras tornam a leitura mais difícil e com uma caligrafia diferente nas margens (Figura 9). Ademais, nota-se que a presença de documentos que discorrem sobre figuras caras ao estrato da Academia, e, particularmente, a Altino Flores, demonstra a vontade de conservar a memória e de consagrar esses sujeitos. Ao passo que, a ausência de documentos demonstra igualmente essa mesma vontade, delineando claramente quem somos “nós” e quem são “eles”.

[81] FLORES, 2006, p.11.

Figura 8 - "Prosa de Domingo", O Estado, 11/X/1970

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Figura 9 - Fotocópia de "Partidos Políticos" do jornal A Gazeta



Florianópolis, 20-8-1963

Nas Letras em Santa Catarina

Partidos Políticos

com o primeiro da estrofe seguinte. O "golpe político" estava em pintar os cristãos como paradoxais algozes fanáticos, perseguidores torquemadas, enquanto os judeus se apresentavam como pias criaturas, guardadores sinceros da

"Sagrada sei,
"Santa doutrina
"Que a Igreja ensina".

E, confiada "nos justos Céus", a bailarta política já se antevia liberta dos cristãos inquisidores:

"Nem haverá,
"Embora quebras,
"Nóvas fogueiras
"Da Inquisição.
"Já lá se vão
"Anos [illegible]
"Estulícia atroz
"Carnificinas.

"Dessas doutrinas
"Tempo não é,
"Autos-de-fé,
"Quebras de gente,
"O chumbo quente,
"Os cavaletes,
"Os torniquetes,
"Tenazes, troncos.

"De algozes bronco
"Tratos sem fim,
"O borzeguim,
"Cunhas, garrochas,
"Alvas, carochas
"E sacabeitos
"Portas proscritos.
"Tudo acabou...

Por aí se vê que esforços faziam os judeus liberais para se desvencilharem do suposto labéu emerrado na alcunha perversamente concedida pelos cristãos adversários.

Para se avaliar quão vexativo era o apelido de judeu, basta ver o que o Coronel Caldeira de Andrada registrou em suas já citadas Memórias: "O... partido criado em oposição ao do Conselheiro Joaquim Coelho teve a original bonhomia de se denominar cristão e

Folhas p/ pan

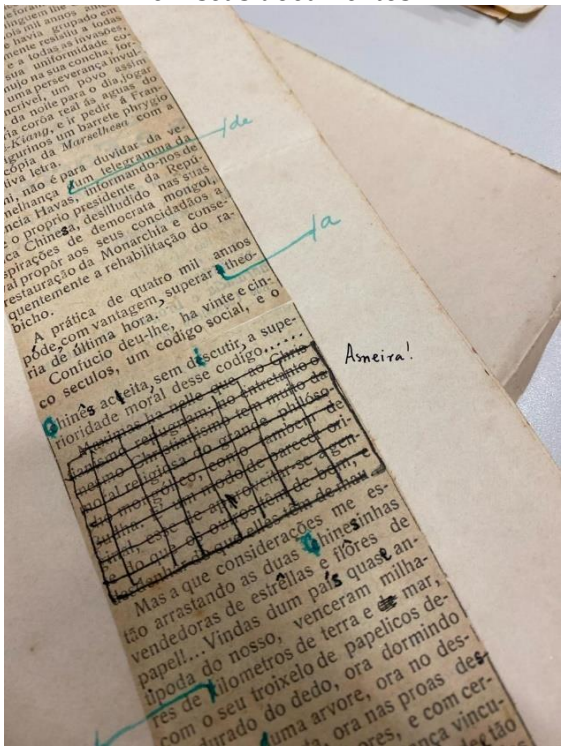
S/ continuação

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

3.1.2. O Jornalista

Outro Altino Flores que pode ser encontrado de forma fragmentária no arquivo é o Altino Flores jornalista. Não obedecendo balizas temporais e reafirmando a sua posição como crítico inquebrantável, os textos que habitam esta parte do arquivo abrangem uma grande variedade de temas, tecendo críticas a obras de literatura, opinando sobre o teatro em Santa Catarina, reclamando dos dias quentes do verão de Florianópolis e, naturalmente, discutindo o cenário das letras catarinenses. Flávio José Cardozo[82] nomeia seu predecessor como uma espécie de "zelador da palavra", aludindo ao seu exímio manejo do nosso idioma e à sua dedicação obstinada como purista da língua, sendo reverenciado muitas vezes como um mestre do vernáculo. E é exatamente essa faceta de homem de letras e de jornalista voraz que é revelada ao analisar a caixa branca, manifestando-se através de intervenções manuscritas nas margens também e no corpo dos textos. Prezando sempre pela correta utilização da língua portuguesa e pela clareza dos argumentos, Altino Flores não hesita em corrigir seus antigos textos, retificando as palavras desatualizadas segundo as normas do português e riscando inteiramente parágrafos que não considera bem escritos, como acontece no caso a seguir (Figura 10).

Figura 10 - Intervenções de Altino Flores em seus documentos

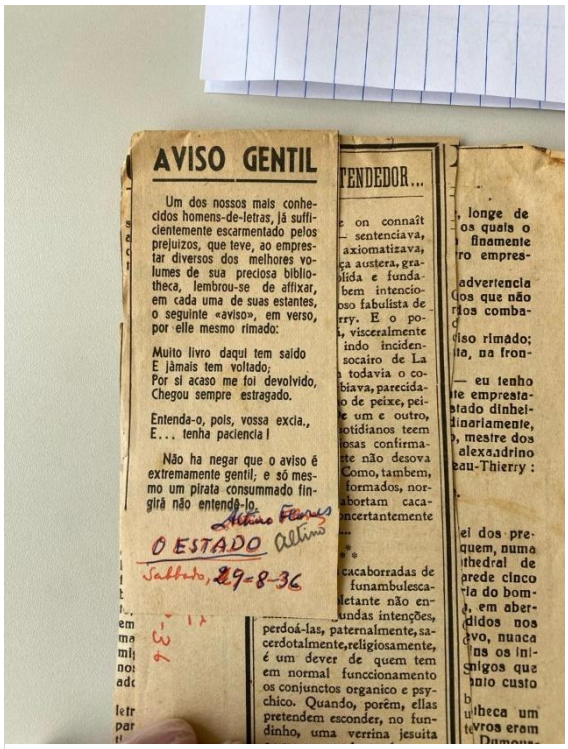


Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

[82] Atual ocupante da cadeira Nº 23 da Academia Catarinense de Letras.

Por ser uma figura polêmica, naturalmente Altino Flores arquivou também essa parte de sua personalidade. Um exemplo claro que expressa essa tendência polemista pode ser encontrado na caixa branca na forma de três textos publicados em jornais e anexados uns aos outros. No ano de 1936, Altino Flores comandava aquele que era reconhecido como o maior jornal de Santa Catarina, *O Estado*, onde atuava como diretor e também como escritor. No dia 29 de agosto deste mesmo ano publica um pequeno texto intitulado *Aviso Gentil*, no qual discorre brevemente sobre o fato de que os livros que emprestava acabavam nunca retornando, ou, se retornavam, encontravam-se em péssimo estado (Figura 12). Certamente atingido pelas palavras do acadêmico, Lourival Câmara responde à essas acusações em 31 de agosto, apenas dois dias após o aviso, com um texto de sua autoria publicado no periódico *Jornal da Tarde* intitulado *A bom entendedor...*, onde deixa claro nas entrelinhas que o "aviso gentil" não passava de uma "ameaça besta de gury-de-grupo", sendo necessário ao autor original conversar diretamente com aqueles que roubavam seus livros (Figura 11). Ultrajado pelo disparate, Altino Flores publica uma tréplica em seu próprio jornal no dia 1º de setembro sob o título *Um nadinha de prosa*, onde clarifica que a abordagem civilizada era muitas vezes contornada com "escusas menineiras" de quem era confrontado, explicando que recorrera ao aviso no jornal apenas para não extraviar mais seus livros (Figura 13).

Figura 12 - "Aviso Gentil" do O Estado, 29/08/1936



AVISO GENTIL

Um dos nossos mais conhecidos homens-de-letras, já sufficientemente escarmentado pelos prejuizos, que teve, ao emprestar diversos dos melhores volumes de sua preciosa bibliotheca, lembrou-se de affixar, em cada uma de suas estantes, o seguinte «aviso», em verso, por elle mesmo rimado:

Muito livro daqui tem saido
E jàmais tem voltado;
Por si acaso me foi devolvido,
Chegou sempre estragado.

Entenda-o, pois, vossa excia.,
E... tenha paciencia!

Não ha negar que o aviso é extremamente gentil; e só mesmo um pirata consummado fingirá não entendê-lo.

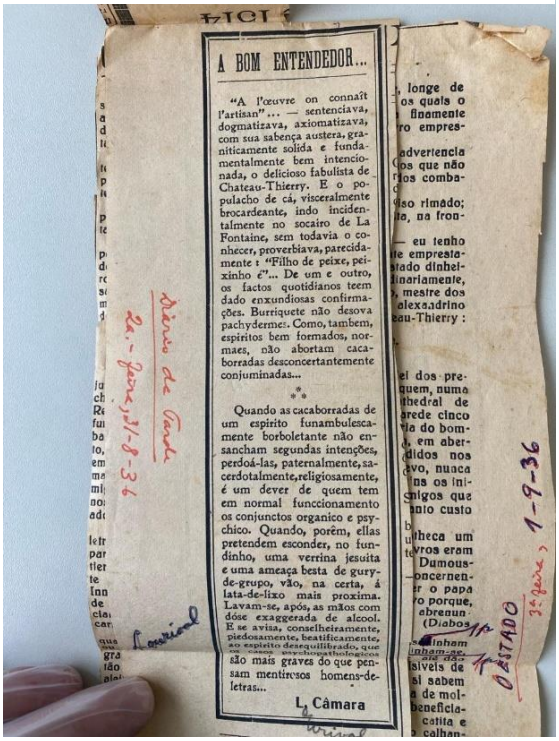
Altino Flores

O ESTADO Altino

Sabbado, 29-8-36

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Figura 11 - "A bom entendedor.." do Diário da Tarde, 31/08/1936



A BOM ENTENDEDOR...

"A l'œuvre on connaît l'artisan"... — sentenciava, dogmatizava, axiomatizava, com sua sabença austera, graciticamente solida e fundamentalmente bem intencionada, o delicioso fabulista de Chateau-Thierry. E o populacho de cá, visceralmente brocardeante, indo incidentalmente no socairo de La Fontaine, sem todavia o conhecer, proverbiava, parecidamente: "Filho de peixe, peixinho é"... De um e outro, os factos quotidianos teem dado exuberantes confirmações. Burriquete não desova pachydermes. Como, tambem, espiritos bem formados, normaes, não abortam cacaborradas desconcertantemente conjuminadas...

***

Quando as cacaborradas de um espirito funambulescamente borboletante não emsancham segundas intenções, perdoá-las, paternalmente, sacerdotalmente, religiosamente, é um dever de quem tem em normal funccionamento os conjunctos organico e psychico. Quando, porêm, ellas pretendem esconder, no fundinho, uma verrina jesuita e uma ameaça besta de gury-de-grupo, vão, na certa, á lata-de-lixo mais proxima. Lavam-se, após, as mãos com dóse exaggerada de alcool. E se avisa, conselheiramente, piedosamente, beatificamente, ao espirito desequilibrado, que os casos psychopathologicos são mais graves do que pensam mentirosos homens-de-letras...

L. Câmara

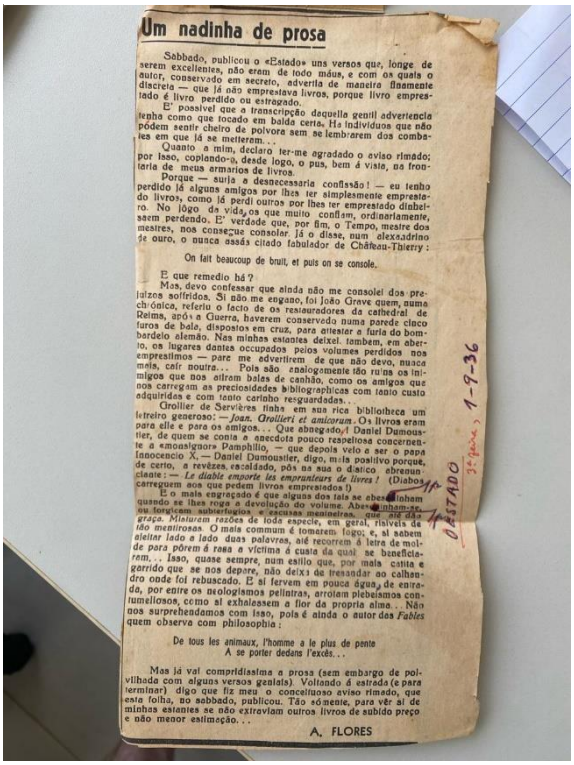
Diário da Tarde 2ª-feira, 31-8-36

Lourival

O ESTADO 3ª-feira, 1-9-36

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Figura 13 - "Um nadinha de prosa" do O Estado, 01/09/1936



Um nadinha de prosa

Sabbado, publicou o «Estado» uns versos que, longe de serem excellentes, não eram de todo máus, e com os quaes o autor, conservado em secreto, adverte de maneira finamente discreta — que já não emprestava livros, porque livro emprestado é livro perdido ou estragado...

E' possivel que a transcripção daquella gentil advertencia tenha como que tocado em balda certa. Ha individuos que não podem sentir cheiro de polvora sem se lembrarem dos combates em que já se metteram...

Quanto a mim, declaro ter-me agradado o aviso rimado; por isso, copiando-o, desde logo, o pus, bem á vista, na frontaria de meus armarios de livros.

Porque — surja a desnecessaria confissão! — eu tenho perdido já alguns amigos por lhes ter simplesmente emprestado livros, como já perdi outros por lhes ter emprestado dinheiro. No fôgo da vida, os que muito confiam, ordinariamente, saem perdendo. E' verdade que, por fim, o Tempo, mestre dos mestres, nos consegue consolar. Já o disse, num alexandrino de ouro, o nunca assás citado fabulador de Château-Thierry:

On fait beaucoup de bruit, et puis on se console.

E que remedio há?

Mas, devo confessar que ainda não me consolei dos prejuizos soffridos. Si não me engano, foi João Grave quem, numa chronica, referiu o facto de os restauradores da cathedral de Reims, após a Guerra, haverem conservado numa parede cinco furos de bala, dispostos em cruz, para attestar a furia do bombardeio alemão. Nas minhas estantes deixei, tambem, em aberto, os lugares dantes occupados pelos volumes perdidos nos emprestimos — para me advertirem de que não devo, nunca mais, cair noutra... Pois são analogamente tão ruins os inimigos que nos atiram balas de canhão, como os amigos que nos carregam as preciosidades bibliographicas com tanto custo adquiridas e com tanto carinho resguardadas...

Grolier de Servières tinha em sua rica bibliotheca um letreiro generoso: — *Joan. Grolierii et amicorum*. Os livros eram para elle e para os amigos... Que abnegado, Daniel Dumoustier, de quem se conta a anecdota pouco respeitosa concernente a «monsignor» Pamphilio, — que depois veio a ser o papa Innocencio X, — Daniel Dumoustier, digo, mais positivo porque, de certo, a revêzes, escaldado, pôs na sua o dístico abrenunciante: — *Le diable emporte les emprunteurs de livres!* (Diabos carreguem aos que pedem livros emprestados!)

E o mais engraçado é que alguns dos tais se abeirinham quando se lhes roga a devolução do volume. Abeirinham-se, ou tergiversam subterfugios e escusas meninieiras, que até são *graça*. *Miniuram* razões de toda especie, em geral, risiveis de tão mentirosas. O mais commum é tomarem fôgo, e, al sabem aleitar lado a lado duas palavras, até recorrem á leira de molde para pôrem á rasa a victima á custa da qual se beneficiarem... Isso, quase sempre, num estilo que, por mais casta e garrido que se nos depare, não deixa de trensandar ao calhandro onde foi rebuscado. E si fervem em pouca água, de enirada, por entre os neologismos pelintras, arrolam plebeismos conturnelliosos, como si exhalassem a flor da propria alma... Não nos surprehendamos com isso, pois é ainda o autor dos *Fables* quem observe com philosophia:

De tous les animaux, l'homme a le plus de pente
A se porter dedans l'excès...

Mas já vai comprridissima a prosa (sem embargo de polvilhada com alguns versos geniais). Voltando á estrada (e para terminar) digo que fiz meu o conceituoso aviso rimado, que esta folha, no sabbado, publicou. Tão sómente, para vêr si de minhas estantes se não extraviam outros livros de subido preço e não menor estimação...

A. FLORES

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Ademais, o Altino Flores jornalista encontra-se também em pequenas crônicas que tomam a forma de recortes do jornal *O Estado*. Publicadas na seção “Coisas e loisas da cidade” do periódico, o intelectual optou por assinar os textos com um pseudônimo, *Flamma-Rion*, não revelando sua verdadeira identidade. Ao guardar estes recortes em seu arquivo pessoal o catarinense anotou suas datas de publicação, fez comentários em suas margens e até mesmo identificou-se como autor das palavras. Não obstante, os originais que se encontram no arquivo são todos do ano de 1937, mais especificamente do mês de março. Em rápida busca na Hemeroteca Digital Catarinense é possível encontrar a edição completa em que esses textos foram publicados, facilitando o seu acesso[83].

Na edição de nº 7011 de 9 de março de 1937, Altino Flores discorre brevemente sobre um desejo antigo de seu amigo José Boiteux, falecido em 1934[84]. Inicia a crônica explicando que Boiteux tinha a vontade de homenagear o poeta Luís Delfino erigindo uma herma com seu busto na praça Benjamin Constant em Florianópolis. Entretanto, o empreendimento nunca foi finalizado, deixando apenas um pedestal vazio na frente da praça que, segundo Flores, simboliza o descaso com as letras catarinenses. Dessa forma, o texto encerra-se com um apelo

[83] Ver http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/HEMO.html
[84] Ver *O Estado*, Nº6085, 09/08/1934, p. 8

para que alguém venha a público e assuma essa função, completando a homenagem ao “excelso lyrico!”. (Figura 14)

Figura 14 - "Coisas e loisas da cidade" do O Estado, 09/03/1937

9-3-37

N. 7011

Coisas e loisas da cidade

Ha muitos annos, creio que por iniciativa de José Boiteux, constituiu-se uma commissão com o fito de erigir, numa das praças da cidade, uma herma (ou «um hermes», como ensina o sr. Ramiz Galvão), a Luís Delfino. Não tenho lembrança segura de quais eram seus membros. Apenas me recordo de que havia já algum dinheiro para custear a obra, por signal depositado no Banco Sul do Brasil. Quanto — ignoro-o.

O embellezamento da praça Benjamin Constant, realizado pelo ex-prefeito sr. José Mœllmann, animou a José Boiteux a effectivar sem mais detença a homenagem ao grande lyrico. Encommendado o pedestal de granito, — a meu vêr, de linhas excessivamente pesadas, — foi naquella pracinha erguido. E ali está, até hoje, á espera do busto do cantor emocionante d'*As tres irmãs*: De redor, as roseiras continuam a vestir-se e a desvestir-se de florações successivas, mas o aroma, que de seus thuribulos se evola, bafeja apenas a mole hirta daquelle bloco inexpressivo,

no meio da indifferença desse povo

— como lá diz o poeta num verso de *Pauperrima domus*.

Na chroniqueta de sabbado, fiz o que pude para dar um conspecto synthetico da decadencia literaria catharinense. Agora, ao referir-me áquelle solitario plintho, ali fincado sem que ninguem mais désse um passo para lhe collocar em cima, religiosamente, a figura de Luís Delfino, estou a vêr que elle á justa symboliza o desidio com que tratamos a arte e as coisas que com ella se relacionam. E' uma aspiração decepada; um sonho, sem significação, que se petrificou. . .

Onde estão os a quem Boiteux distinguiu com o convite para serem partes da junta promotora da erecção do monumento ?

Que appareça um, só um — e será bastante para por elle virmos a reconstituir o fossil...

E vamos completar, senhores, a homenagem ao excelso lyrico !

Flamma — Rion

Altino Flores

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

O jornalista Altino Flores deixa ainda um pequeno comentário posterior ao lado do texto, explicando que fim levou o pedestal vazio da praça. Feito a lápis e em uma caligrafia fina e apertada é possível ler “No governo de Nereu Ramos, este mandou ditatorialmente remover da Praça Benjamin Constant o dito pedestal para frente do Departamento de Saúde e pôs-lhe em cima o busto de Osvaldo Cruz”. A partir desta constatação muitos debates podem ser levantados. A utilização da palavra “ditatorialmente” revela o ressentimento do autor em relação ao governador do estado, Nereu Ramos, que o havia aposentado compulsoriamente alguns anos antes[85]. Para além disso entende-se que Osvaldo Cruz trata-se de um membro da

[85] PEREIRA, 2010, p.169.

Academia Brasileira de Letras e médico brasileiro[86]. Em última análise, compreende-se que esta é uma das faces que está presente em maior quantidade no arquivo, expondo a relação intima de Altino Flores com a imprensa catarinense e revelando inúmeras possibilidades diante do pesquisador.

3.1.3. O Homem Público

Carlos Bacellar afirma que o historiador que pretende se aventurar nos arquivos deveria preocupar-se em conhecer também o funcionamento da máquina administrativa no período que pretende pesquisar[87]. Dessa forma, por estar intrinsicamente conectado à Altino Flores enquanto homem público e agente do estado de Santa Catarina, o arquivo Altino Corsino da Silva Flores é diretamente afetado pelo cenário político brasileiro do século XX, para além dos outros mundos que a figura múltipla do catarinense habitava, como o mundo da literatura e do jornalismo.

O intelectual ocupou cargos no magistério como professor catedrático de História e Geografia na antiga Escola Normal, depois Instituto Estadual de Educação. Ascendendo posteriormente a posição de diretor geral de Instrução Pública e inspetor geral de ensino, o acadêmico prestou longos anos de serviço público, chefiando a Casa Civil ao longo de quatro governos após 1945 até por volta de 1958. Sendo assim, Altino Flores manteve intima relação com o governo do estado, adaptando-se às flutuações políticas que caracterizaram o século passado, exercendo maior ou menor influência de acordo com as lideranças políticas em evidência no momento. Essa conexão entre indivíduo e máquina administrativa é fatalmente escoada para seu acervo pessoal e percebida tanto através da presença de documentos oficiais, como da ausência deles, assinalando os períodos de maior ou menor aproximação de seu criador e o governo do estado. Ademais, o arquivo permite reconhecer os modos de vida da elite republicana da qual Altino Flores fez parte, bem como as redes de sociabilidade que visavam assegurar a manutenção desse poder, compreendendo esse material como uma tentativa de construção de uma representação legitima da posição do seu autor como homem público[88].

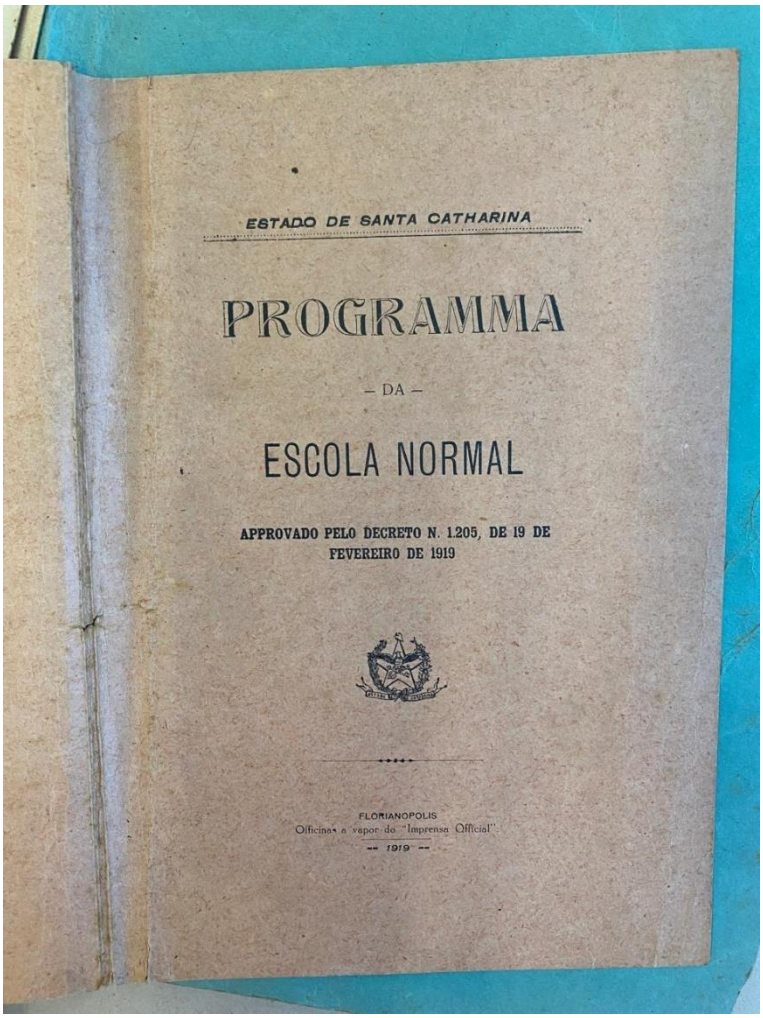
Um documento que demonstra ativamente essa relação entre homem e máquina pública é a já citada pasta *Coisas do Aldrovando Cantagallo.* Em seu exterior aparenta ser uma pasta

---

[86] Ver https://portal.fiocruz.br/trajetoria-do-medico-dedicado-ciencia
[87] BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 23-79
[88] ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal*. Rio de Janeiro: Lapa: Rocco, 1996. p.19.

comum marrom que Altino Flores utilizou para abarcar o seu manuscrito sobre Barreiros Filho. Contudo, seu interior revela que na verdade originalmente o documento cumpria outra função. Neste caso trata-se de uma página do “Programma da Escola Normal aprovado pelo decreto n. 1205, de 19 de fevereiro de 1919” (Figura 15). A presença deste material no arquivo explicita ao observador a relação de Altino Flores com a instituição em que lecionava, a Escola Normal (posteriormente Instituto Estadual de Educação).

Figura 15 - Interior da pasta "Coisas do Aldrovando Cantagallo"



ESTADO DE SANTA CATHARINA

PROGRAMMA

— DA —

ESCOLA NORMAL

APPROVADO PELO DECRETO N. 1.205, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1919

FLORIANOPOLIS
Officinas a vapor do "Imprensa Official"
— 1919 —

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Possivelmente, o professor catarinense buscou conhecer a fundo o programa da instituição na qual iria lecionar e deparou-se com este documento, o qual utilizou posteriormente como uma pasta para seus documentos pessoais. Curiosamente, o decreto nº 1205 de 19 de fevereiro

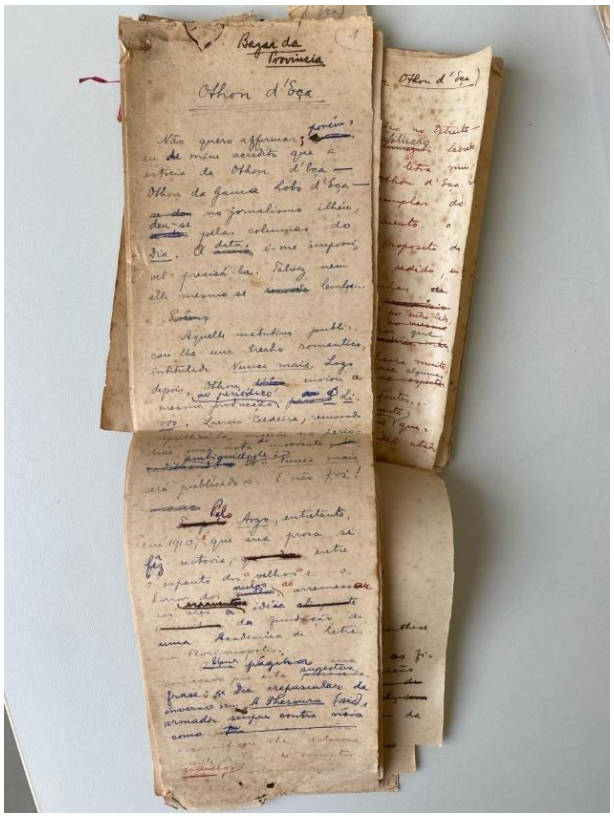
de 1919 foi emitido por seu amigo de longa data José Boiteux, em nome do seu outro amigo, o governador Hercílio Luz[89].

3.2. RASCUNHOS DO LIVRO “BAZAR DA PROVINCIA”

No que diz respeito aos manuscritos presentes no arquivo, acredito que o documento de maior valor seja aquele intitulado *Bazar da Provincia*. Originalmente, Altino Flores pretendia lançar um livro com o mesmo nome onde seria realizado um panorama histórico de episódios relativos a coisas e pessoas da província, projeto de caráter ambicioso e que nunca veio à tona pelo fato de que seu autor destruiu os originais em um momento de desencanto e revolta com a dificuldade de publicar um livro em Santa Catarina. Entretanto, um fragmento (ou seria um capítulo inteiro?) desse livro sobreviveu ao tempo, acomodado bem no fundo de seu arquivo. Carregando o subtítulo *Othon d’Eça*, esta relíquia literária discorre longamente sobre a trajetória de seu colega de academia e a sua relação com as letras catarinenses, totalizando 41 páginas (Figura 16). É forçoso dizer que este manuscrito se trata de um rascunho primitivo e não do material finalizado e acabado, sendo possível notar as inúmeras correções e rasuras ao longo dos parágrafos. As várias trocas de cor de caneta e a intercalação do suporte material para a escrita evidenciam que o texto foi construído ao longo de um grande tempo, não sendo possível estabelecer uma data precisa para o início e o fim do processo de redação. No verso de algumas folhas surgem palavras e símbolos que acredito não terem conexão com o assunto tratado ao longo do texto, mas que certamente não foram escritas ao acaso, seriam elas apenas simples testes de caligrafia? Ou será que estão relacionadas a algum acontecimento pontual da vida de Altino no momento em que este escrevia o texto? (Figura 17).

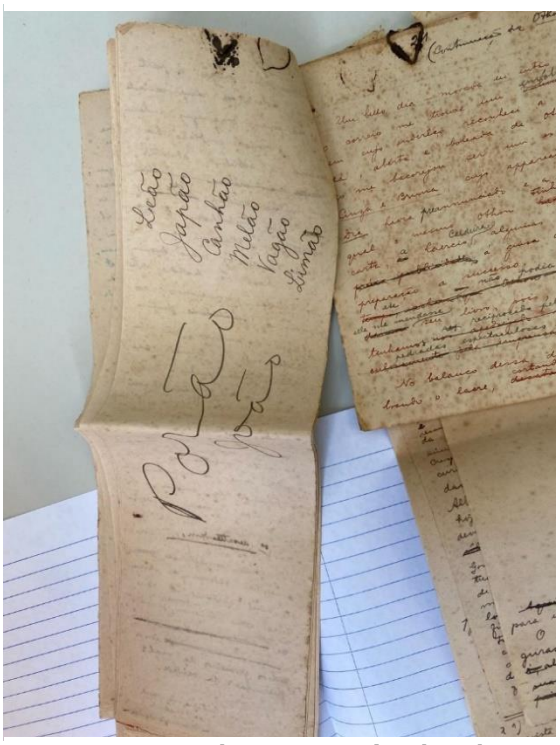
[89] Ver https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/123524/Dec%201205%20de%201919%20-%20Programa%20e%20Regulamento%20Escola%20Normal%20SC.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Figura 16 - Manuscrito do livro Bazar da Provincia



Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Figura 17 - Verso da página 4



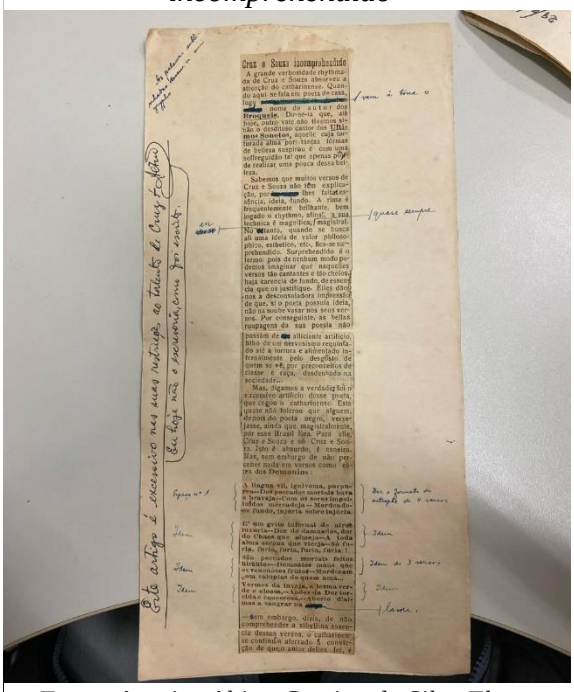
Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

3.3. ALTINO FLORES E CRUZ E SOUSA

O debate suscitado pela Geração da Academia entorno dos velhos literatos de Santa Catarina e a sua “falta de consideração” pelo estado e suas letras é tema de extrema importância. Entre os “velhos”, aquele que deixou a maior marca foi definitivamente Cruz e Sousa. Reconhecido nacionalmente por ser um exímio simbolista e mestre da palavra, o autor de *Broquéis* torna-se alvo de críticas e por vezes de adulações dos membros da Academia Catarinense de Letras, especialmente Altino Flores. Essa relação conturbada aparece então, naturalmente, no arquivo desse último, assumindo ora a forma de textos ora a forma de intervenções nas margens.

Um documento que explicita isso é chamado *Cruz e Souza incomprehendido*, publicado por Altino Flores em jornal desconhecido e em data desconhecida. Ao longo das linhas o acadêmico expõe sua opinião sobre a escrita do poeta negro, apontando que, apesar de sua habilidade de criar versos magníficos e ritmados, faltava a Cruz e Sousa a essência por de trás das palavras, tornando-as vazias. Contudo, os elementos encontrados nas margens desse texto demonstram que, posteriormente, Altino Flores arrependeu-se de suas duras palavras, buscando desesperadamente mostrar a quem desbrava o seu arquivo que já não acreditava mais no que havia escrito tantos anos antes. Ademais, as correções ortográficas e as rasuras ainda se fazem presentes, ocupando grande parte da folha na qual o texto foi fixado (Figuras 18 e 19).

Figura 18 - "Cruz e Souza incomprehendido"



Cruz e Souza incomprehendido

A grande verbosidade rhythmica, que Cruz e Souza absorveu a attração do catharismo. Quem do aqui se fala em poeta de casa, hoje [redacted] nome do autor dos Broquéis. Direm-nos que, até mesmo, não vale não tiveram sido o creador cantor dos Illustres Sonetos, aquelle cuja terra alta por tanta formosura e belleza surgiu e com uma soffreguidão tal que apenas pôde realizar uma pouca dessa belleza.

Sabemos que muitos versos de Cruz e Souza não têm explicação, por [redacted] ter falta de essencia, idéa, fundo. A rima é frequentemente bellíssima, bem jogado o rhythmo, afinal, a sua technica é magnifica, magistral. No entanto, quando se busca ali uma idéa de valor philosophico, esthetico, etc., fica-se surprehendido. Surprehendido é o termo: pois de nenhum modo podemos imaginar que naquelles versos tão cantantes e tão cheios, haja carencia de fundo, de essencia que os justifique. Elles dão-nos a descontentadora impressão de que, si o poeta possuia idéa, não as soube vazar nos seus versos. Por conseguinte, as bellas rasgagens da sua poesia não passam de [redacted] ultoriano artificio, filho de um nervosismo requintado até a tortura e alterado ferozmente pelo desgosto de querer se só por preconceitos de classe e raça, desdenhado na sociedade.

Mas, digamos a verdade: foi o excessivo artificio desse poeta, que o que o catharismo. Esse quase não interessa que alguem, depois do poeta negro, versejasse, ainda que magistralmente, por esse Brasil fóra. Para não Cruz e Souza e só Cruz e Souza. Isto é absurdo, é inexato. Mas, sem embargo de não perceber nada em versos como estes dos Demonios:

A lingua vil, ignivoma, prepara—Dos pecados mortais baixa e brasaja—Com os seres impulsivos intercalaja—Mordendo-os fundo, injuria sobre injuria.

E um grito infernal de alcoolisaria—Dor de damnados, dor de Christ que alfaneja—A toda alma—senga um riso—ao fria, fria, fria, fria, fria, fria!

Dos pecados mortais falsos alicatos—Demonios saiam que vaiagens de quem ama...

Vermes da terra, o homem verde e atroa,—Sabes da Dor torcida e concerto, Alberto Chiaro—a sangrar na [redacted]

—Sem embargo, disse, de não comprehender a sibyllina essencia desses versos, o catharismo se confunde alarado. É convicção de quem escreve delles. Ao, e

Este artigo é excessivo nas suas notícias, as tolices de Cruz e Souza, hoje não, é escrevia, como por exemplo

Figura nº 1

Idem

Idem

Idem

Ver o Jornal do artigo de 9 versos

Idem

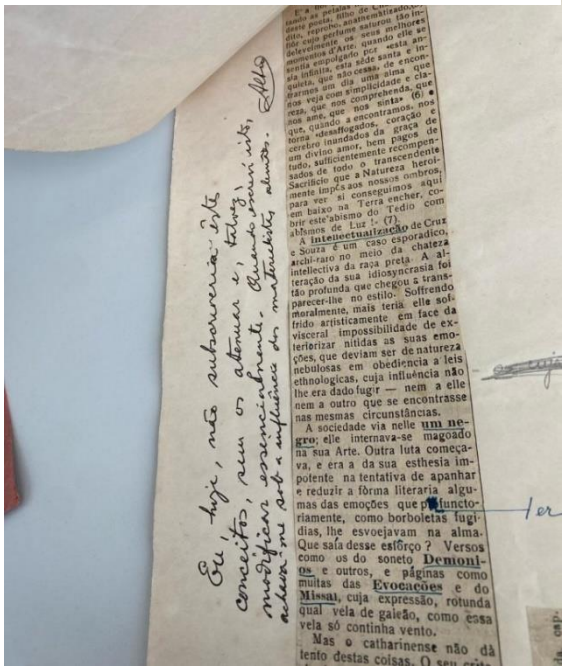
Idem de 3 versos

Idem

Idem

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Figura 19 - Pg. 3 do texto "Cruz e Souza incomprehendido"



Eu, hoje, não subscreveria isto conceitos, sem os atenuar e, talvez, modificar essencialmente. Quando escrevi isto, achava-me sob a influência dos materialistas alemães.

dito, repulso, anatematisado, tão inclevemente os seus melhores momentos d'Arte, quando elle se sentia empolgado pela sua musa infinita, esta sede santa e inquieta, que não cessa, de encontrarmos um dia uma alma que nos veja com simplicidade e clareza, que nos comprehenda, que nos ame, que nos sintax, nos que, quando a encontramos, nos torna desaffogados, coração e cerebro inundados da graça de um divino amor, bem pagos de tudo, sufficientemente recompensados de todo o transcendente Sacrificio que a Natureza heroicamente impôs aos nossos ombros, para ver si conseguimos aqui em baixo na Terra encher, cobrir este abismo do Tedio com abismos de Luz !- (7).

A intellectualização de Cruz e Souza é um caso esporadico, archi-raro no meio da chateza intellectiva da raça preta. A alteração da sua idiosyncrasia foi tão profunda que chegou a transparecer-lhe no estilo. Soffrendo moralmente, mais teria elle soffrido artisticamente em face da visceral impossibilidade de exteriorizar nitidas as suas emoções, que deviam ser de natureza nebulosas em obediencia a leis ethnologicas, cuja influência não lhe era dado fugir — nem a elle nem a outro que se encontrasse nas mesmas circunstâncias.

A sociedade via nelle um negro; elle internava-se magoado na sua Arte. Outra luta começava, e era a da sua esthesia impotente na tentativa de apanhar e reduzir a fôrma literaria algumas das emoções que pelo functoriamente, como borboletas fugidias, lhe esvoejavam na alma. Que saía desse esfôrço ? Versos como os do soneto Demonios e outros, e páginas como muitas das Evocações e do Missal, cuja expressão, rotunda qual vela de galeão, como essa vela só continha vento.

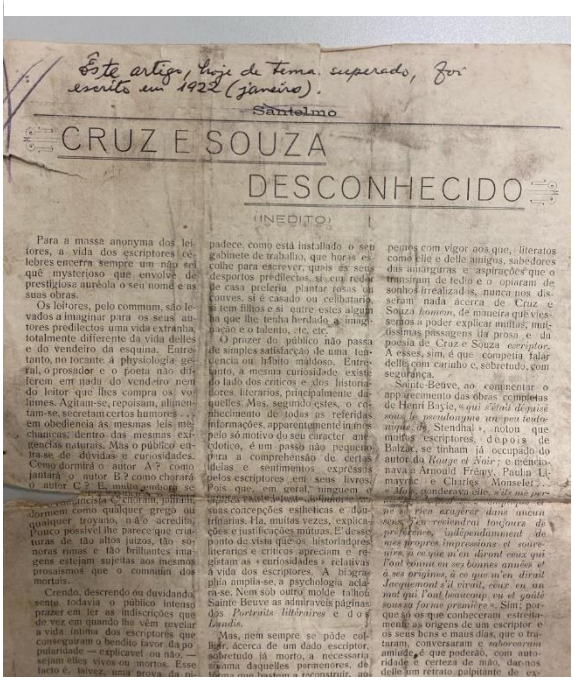
Mas o catharinense não dá tento destas coisas. O seu

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Lê-se na primeira imagem a seguinte mensagem: *Êste artigo é excessivo nas suas restrições ao talento de Cruz. Eu hoje não o escreveria como foi escrito.* Enquanto que, na segunda imagem, pontua ao leitor que: *Eu, hoje, não subscreveria estes conceitos, sem os atenuar e, talvez, modificar essencialmente. Quando escrevi isto, achava-me sob a influência dos materialistas alemães*. Essas palavras suscitam reflexões que seriam, no mínimo, interessantes como, por exemplo, quem seriam esses materialistas alemães que Altino Flores menciona no texto?

Outros tantos documentos também dizem mais a respeito do pensamento de Altino Flores em relação a Cruz e Sousa. Como por exemplo o recorte de jornal da Revista Santelmo de janeiro de 1922, intitulado “Cruz e Souza Desconhecido” e encontrado dentro da caixa branca e acompanhado de uma anotação que diz *Êste artigo, hoje de tema superado, foi escrito em 1922 (janeiro).* (Figura 20).

Figura 20 - "Cruz e Souza desconhecido" da Revista Santelmo, 1922.



Este artigo, hoje de tema superado, foi escrito em 1922 (janeiro).

Santelmo

CRUZ E SOUZA

DESCONHECIDO

(INEDITO)

Para a massa anonyma dos leitores, a vida dos escriptores celebres encerra sempre um não sei quê mysterioso que envolve de prestigiosa aureola o seu nome e as suas obras.

Os leitores, pelo commum, são levados a imaginar para os seus autores predilectos uma vida extranha totalmente diferente da vida delles e do vendeiro da esquina. Entretanto, no tocante á physiologia geral, o prosador e o poeta não differem em nada do vendeiro nem do leitor que lhes compra os volumes. Agitam-se, repoisam, alimentam-se, secretam certos humores . . . em obediencia ás mesmas leis mechanicas, dentro das mesmas exigencias naturais. Mas o publico cifra-se de duvidas e curiosidades. Como dormirá o autor A? como jantará o autor B? como chorará o autor C? E, muito embora se [illegible] dormem como qualquer grego ou qualquer troyano, não acredita. Pouco possivel lhe parece que criaturas de tão altos juizos, tão sonoras rimas e tão brilhantes imagens estejam sujeitas aos mesmos prosaismos que o commum dos mortais.

Crendo, descrendo ou duvidando, sente todavia o publico intenso prazer em ler as indiscrições que de vez em quando lhe vêm revelar a vida intima dos escriptores que conseguiram o bendito favor da popularidade — explicavel ou não, — sejam elles vivos ou mortos. Esse facto é, talvez, uma prova da ri-

padece, como está installado o seu gabinete de trabalho, que horas escolhe para escrever, quaes os seus desportos predilectos, si cria rosas de casa preferia plantar rosas ou couves, si é casado ou celibatario, si tem filhos e si entre estes algum ha que lhe tenha herdado a imaginação e o talento, etc, etc.

O prazer do publico não passa de simples satisfacção de uma tendencia ou infinito maldoso. Entretanto, a mesma curiosidade existe do lado dos criticos e dos historiadores literarios, principalmente daquelles. Mas, seguindo estes, o conhecimento de todas as referidas informações, apparentemente inuteis pelo só motivo do seu caracter anecdotico, é um passo não pequeno para a comprehensão de certas ideias e sentimentos expressos pelos escriptores em seus livros. Pois que, em geral, ninguem o [illegible] suas concepções esthetica e doutrinarias. Ha, muitas vezes, explicações e justificações mutuas. E desse ponto de vista que os historiadores literarios e criticos apreciam e registam as «curiosidades» relativas á vida dos escriptores. A biographia amplia-se, a psychologia aclara-se. Nem sob outro molde talhou Sainte Beuve as admiraveis páginas dos *Portraits littéraires* e dos *Lundis*.

Mas, nem sempre se póde colligir, acerca de um dado escriptor, sobretudo já morto, a necessaria soma daquelles pormenores, de [illegible]

penas com vigor aos que, literatos como elle e delle amigos, sabedores das amarguras e aspirações que o tornavam de fedio e o opiavam de sonhos irrealizados, nunca nos disseram nada ácerca de Cruz e Souza *homem*, de maneira que viessemos a poder explicar muitas, muitissimas passagens da prosa e da poesia de Cruz e Souza *escriptor*. A esses, sim, é que competia falar delle com carinho e, sobretudo, com segurança.

Sainte-Beuve, ao commentar o apparecimento das obras completas de Henri Beyle, «qui s'était depuis [illegible] Stendhal», notou que muitos escriptores, depois de Balzac, se tinham já occupado do autor da *Rouge et Noir*; e prendava a Arnould Frémy, Paulin Limayrac e Charles Monselet. . . e Mérimée, que dera alli, «ils ne pensent [illegible] ne se rien exagérer dans aucun sens, en revendrai toujours de préférence, indépendamment des mes propres impressions et souvenirs, à ce que m'en diront ceux qui l'ont connu en ses bonnes années et à ses origines, à ce que m'en diront Jacquemont s'il vivait, celui en un mot qui l'ont beaucoup vu et goûté sous sa forme première». Sim; porque só os que conheceram estreitamente as origens de um escriptor e os seus bons e maus dias, que o trataram, conversaram e saborearam amiude, é que poderão, com autoridade e certeza de mão, dar-nos delle um retrato palpitante de ex-

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

3.4. AS PASTAS DA CAIXA LARANJA

A caixa laranja, em um primeiro momento, apresenta-se mais variada e menos coesa do que a caixa branca, para além de ser perceptivelmente maior e mais volumosa. As pilhas de recortes de jornal anexados a folhas de almaço, os extensos manuscritos, as saudosas correspondências e os outros tipos de documento que dão corpo a esta porção do arquivo estão, em sua maioria, acomodados em pastas e dossiês identificados por temas e assuntos, uma tentativa de seu criador de impor uma ordem aos papéis. Em entrevista concedida a Moacir Pereira, Noemi Flores Boppré, filha e primeira guardiã dos documentos de Altino, relembra o hábito do pai de não desperdiçar papel, utilizando todos os pedacinhos disponíveis para escrever seus comentários e fazer suas anotações, não poupando nem mesmo as cartas dos amigos[90]. Essa prática de economizar papéis durante a vida, contribuiu então, em certa medida, para dar forma ao seu arquivo pessoal, mais especificamente àquela porção que hoje se localiza dentro da caixa laranja.

Um exemplo claro disso pode ser encontrado na forma das já citadas pastas que abrigam e ordenam documentos dentro desta caixa. Pastas estas que ostentam títulos como “Produções de A. Flores”, “Materiais e esboço” e “Taunay e Gama Rosa” e que são completamente diferentes

[90] PEREIRA, 2010, p.148.

umas das outras, pelo menos no que diz respeito a sua aparência física. Para além de ser possível constatar no arquivo a presença de modelos mais simples e tradicionais (Figura 21), possivelmente obtidos em uma papelaria, Altino Flores optou também por improvisar alguns desses dispositivos de armazenamento, utilizando para isso documentos que originalmente não foram confeccionados com a função de aglutinar outros papéis (Figura 22). É preciso ressaltar, contudo, que esses últimos não foram escolhidos ao acaso, relacionando-se com algum aspecto da vida do catarinense e servindo como indícios para construir uma história do arquivo.

Apesar das diferenças, ambos os tipos de pasta podem ser vistos como indícios ego-documentos, documentos que trazem em si resquícios das subjetividades que agiram sobre ele. Maria Teresa Santos Cunha considera ego-documentos aqueles que, resistindo ao fogo e/ou ao lixo, foram preservados e se referem às experiências pessoais com um intuito de guardar a si próprio[91]. Adicionalmente, Augusto César Luiz Britto e Ana Laura Corradi expõem que O que diferencia ego documentos dos demais é justamente a questão da personalidade do autor se fazendo presente no texto[92]. Assim, ao voltar minha atenção para as pastas, encontrei nelas vestígios desse ego, ou melhor dizendo, desse "eu", que fala sobre suas experiencias, de maneira explicita nos modelos normais e implícita nos modelos adaptados.

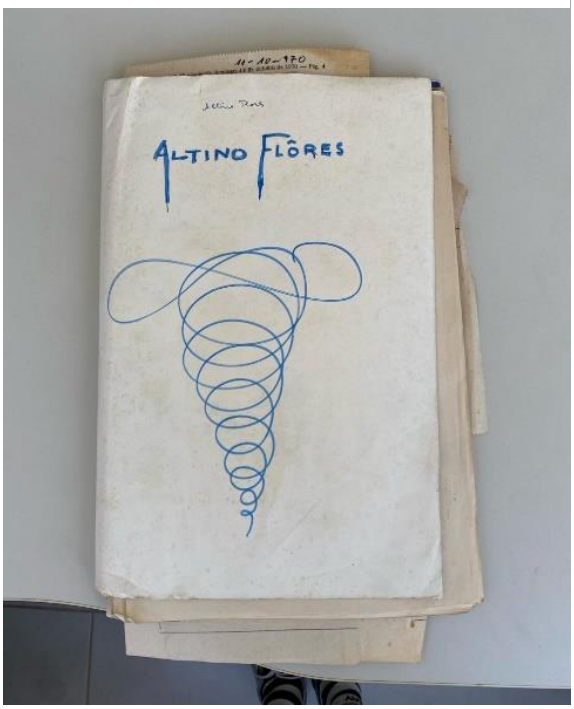
Figura 21 – Pasta preta

Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

[91] CUNHA, 2019, p.13.

[92] BRITTO, Augusto César Luiz; CORRADI, Analaura. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. BIBLOS, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 98–129, 2023. DOI: 10.14295/biblos.v32i2.7968. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7968. Acesso em: 26 jun. 2024.

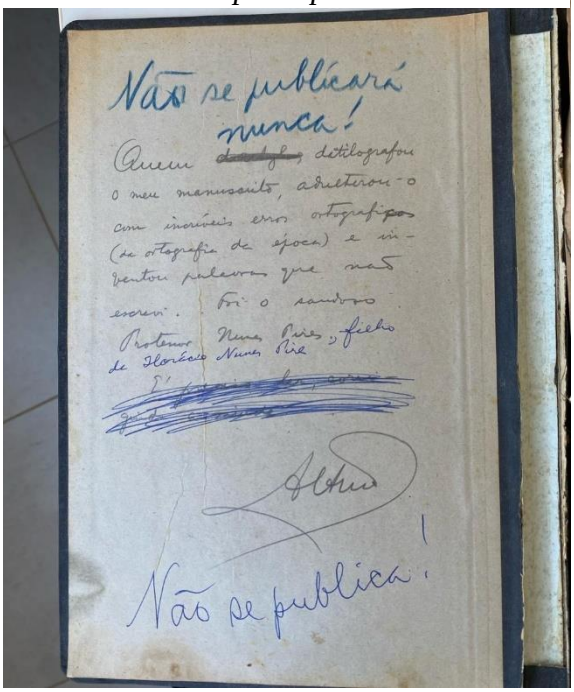
Figura 22 - Pasta branca "Altino Flôres"



Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Mesmo compartilhando semelhanças em seu exterior, uma rápida análise do interior permite reconhecer a natureza de cada uma. As pastas comuns geralmente trazem em sua parte interna anotações, comentários e observações na fina caligrafia de Altino Flores que buscam dar um contexto aos documentos ali abrigados. No caso da pasta preta, trata-se de uma mensagem do jornalista catarinense para aqueles que um dia entrariam em contato com o seu arquivo, lê-se: *Não se publicará nunca! Quem datilografou o meu manuscrito alterou-o com incríveis erros ortográficos (da ortografia da época) e inventou palavras que não escrevi. Foi o saudoso Protenor Nunes Pires., filho de Horácio Nunes Pires* (Figura 23). Este aviso, para além de comunicar ao observador o conteúdo da pasta, evidencia em suas entrelinhas a intencionalidade do autor ao admitir que o arquivo algum dia se tornaria objeto de pesquisas, julgando ser necessário advertir os pesquisadores sobre os usos de seus documentos pessoais.

Figura 23 – Aviso de Altino Flores no verso da pasta preta



Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

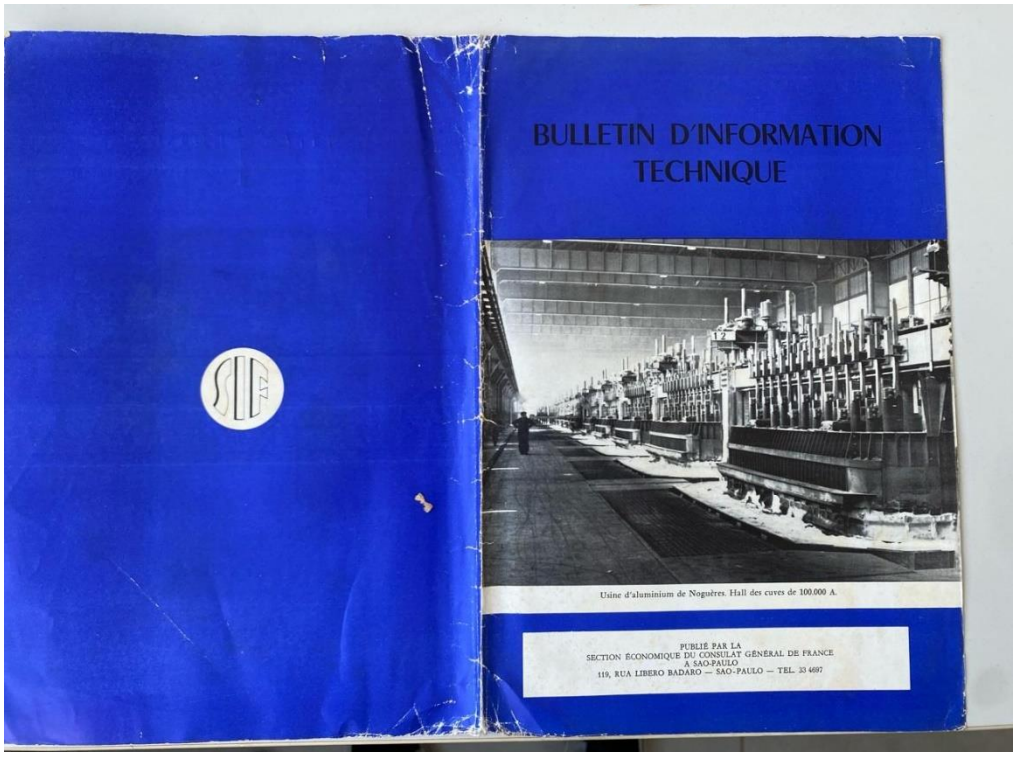
Simples e direta, a mensagem é acompanhada pela assinatura detalhada de Altino Flores no final da página, sinalizando sua autenticidade. Originalmente redigida a lápis, contem também sinais de intervenções feitas por uma caneta azul, indicando que o material foi consultado novamente e modificado após algum tempo. Ao comparar as duas escritas é possível afirmar que se trata da mesma letra, e, assim sendo, do mesmo autor. Entretanto, por não exibir datas, torna-se difícil precisar o momento da criação e o de alteração da mensagem. O Altino Flores que utiliza a caneta azul reitera energicamente seu apelo para que os textos não fossem publicados, escrevendo mais uma vez *Não se publica*! e rasurando parcialmente uma frase que dizia *É preciso ler, corrigindo as [ilegível]*. Corroborando com esse desejo de preservação estão os próprios documentos da pasta, que também possuem avisos como: *Está truncado, e não se publica!* nas suas margens e nos seus versos, mas que não serão aqui abordados em respeito à vontade do escritor catarinense.

Ainda assim, a mensagem presente no verso da pasta por si só levanta mais perguntas do que as responde. Quem é Protenor Nunes Pires, como teve acesso aos manuscritos de Altino Flores e qual era o seu objetivo ao datilografar os documentos? Sob que circunstâncias essas cópias chegaram ao acadêmico da ACL e por qual motivo foram conservadas e não descartadas? Por que a informação sobre a identidade do pai de Protenor Pires foi adicionada posteriormente

e qual sua relevância para Altino Flores[93]? Não sendo o objetivo deste capítulo levar a cabo o debate sobre cada um dos documentos abordados e, sim, meramente apresentar ao leitor um panorama inicial do conteúdo do arquivo e as suas possibilidades de estudo e pesquisa, detenho aqui meus comentários sobre a pasta preta.

No que diz respeito as outras pastas da caixa laranja, é forçoso trazer à tona o caso da pasta branca que carrega o título *Altino Flôres*. Em sua capa, o nome do escritor catarinense surge duas vezes, primeiramente em letras grandes e garrafais e depois em letras pequenas e cursivas, quase ilegíveis. Completando a composição, logo abaixo dos nomes está um pequeno rabisco no formato de um redemoinho terminando em um sinal do infinito no topo. Na parte de trás, nada possui. Contudo, como dito anteriormente, a sua verdadeira identidade só é revelada ao analisar o interior. Dessa forma, ao abrir a pasta, logo percebe-se que não se trata de um modelo típico, sendo ela um material antigo reaproveitado pelo próprio Altino Flores (Figura 24).

Figura 24 - Interior da pasta branca Altino Flôres



Fonte: Arquivo Altino Corsino da Silva Flores

Diferentemente da pasta preta, nenhuma mensagem ou comentário pode ser localizado em seu interior, dificultando a classificação dos papéis ali abarcados. Não obstante, o que

[93] Sobre Horácio Nunes Pires ver os estudos de Carolina Cechella Philippi (2023) e Faissal El-Khatib (1970)

aparece diante do observador é na verdade um documento distinto escrito inteiramente em língua estrangeira, mais especificamente em francês, e que exibe para além disso uma foto em preto e branco e uma espécie de logotipo simples. O título *Bulletin d'Information Technique* denuncia a sua função original, trata-se de uma parte de um boletim de informações técnicas publicado pela *Section Économique du Consulat General de France a Sao-Paulo*, ou, a Seção Econômica do Consulado Geral da França em São Paulo. Ao que tudo indica, anteriormente também cumpria a função de pasta/capa no conjunto completo do boletim técnico, apesar de não deixar claro o que continha internamente. Porém, ao ser atribuído a este documento uma nova função no arquivo pessoal de Altino Flores, nota-se que o mesmo foi virado do avesso, onde agora o seu interior branco e vazio se tornou a superfície que encara o mundo.

Sobre a logotipo situada na primeira página do lado azul, pouco se sabe. SIF é atualmente a sigla utilizada pelo Serviço de Inspeção Federal, órgão responsável por assegurar a qualidade de produtos de origem animal comestíveis e não comestíveis destinados ao mercado interno e externo, bem como de produtos importados[94]. Tendo sido publicado pela seção econômica do consulado, poderia o conteúdo do boletim técnico estar relacionado com informações sobre preços de produtos animais? Já a fotografia que ocupa grande parte da segunda página tem como legenda: *Usine d'aluminium de Noguères. Hall des cuves de 100.000 A* e retrata justamente isso, uma sala de produção na usina de alumínio da cidade de Noguères, no sul da França. Seria então um indicio de que o que estava dentro da pasta originalmente eram informações sobre o preço do alumínio? De qualquer forma, com ou sem o conjunto inteiro, a carcaça que sobrou pode ser compreendida como um ego-documento pois faz referência a um aspecto da vida de seu criador de maneira involuntária, manifestando o "eu" mesmo sem ser através de intervenções diretas.

A pessoa por de trás desse documento certamente é Altino Flores, que nutriu grande admiração pela língua e por autores franceses durante a vida. Moacir Pereira conta que foi justamente o seu hábito de procurar ler os clássicos estrangeiros na língua original que viabilizou a sua intimidade com o francês, reforçando a sua imagem de autodidata[95][96]. Tendo adquirido um domínio sobre o idioma, Altino Flores foi capaz de traduzir a obra *Souvenirs de la Vie Littéraire* de Antoine Albalat[97], para além de ser indicado ao cargo de professor de

[94] Ver https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inspecao/produtos-animal/sif
[95] PEREIRA, 2010. p.16.
[96] Altino Flores nunca concluiu seus estudos formais, sendo obrigado a procurar atividade remunerada para sustentar a família após o falecimento do pai.
[97] FLORES, 2006, p.20.

Francês na Escola Normal em 1933[98] . Mas aquilo que justifica a presença desse boletim técnico publicado pelo Consulado Geral da França de São Paulo em seu arquivo é o fato de que em 1940 o catarinense é designado agente consular da França em Santa Catarina, após ser aposentado compulsoriamente por Nereu Ramos alguns anos antes[99]. Assim, possivelmente, Altino Flores entrou em contato com este documento no mesmo período em que exerceu essa função, não sendo possível dizer quando nem como, somente que o mesmo foi produzido em São Paulo.

Finalmente, o conteúdo da pasta em questão é, atualmente, múltiplo e fragmentado. Sem ordem aparente, um mesmo recorte de jornal pode aparecer até 6 vezes e conter as mesmas intervenções em suas margens, apenas em locais diferentes. Enquanto isso, folhetins organizados pelo próprio Altino Flores também surgem, trazendo em suas páginas mais recortes de jornais, mas dessa vez organizados e bem identificados pelo catarinense. Estão inclusos nessa categoria um discurso que acadêmico proferiu no IX Congresso Brasileiro de Geografia em 1940, e a crítica ao livro *Introdução à História do Comércio Catarinense* de seu colega de academia Laercio Caldeira. Ademais, algumas páginas de anotações pessoais e alguns documentos bancários também saltam aos olhos.

Em última análise, daquele último grupo de pastas improvisadas, cabe ainda citar outro exemplo interessante. Aquela intitulada *Recortes, autógrafos, etc. sobre homens e coisas catarinenses* trata-se na verdade de um grande cartaz que anuncia o XIV Congresso Nacional dos Servidores Públicos do Brasil de 1983. Fixada em seu verso através de fitas está uma folha recortada com o título, a assinatura de Altino Flores e um carimbo desgastado. Torna-se interessante na medida que, por viver seus últimos anos acamado em um hospital, não seria possível para o catarinense confeccionar esse arranjo, levando a crer que outra pessoa o fez, revelando mais um ego que deixou rastros no arquivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim desta história com o Arquivo Altino Corsino da Silva Flores, o barulho antes indistinguível emitido pelos documentos agora soam mais nítidos e perceptíveis. Para isso acontecer, foi necessário familiarizar-me primeiramente com Altino Flores e depois com seus documentos, visitando a sala do professor Ricardo Machado na UFFS sempre que possível ao

[98] PEREIRA, 2010. p.168.
[99] PEREIRA, 2010, p.169.

longo do último ano. Os inúmeros papéis órfãos que imediatamente começaram a gritar e emitir um ruído quando foram acordados pela minha curiosidade hoje se encontram apenas parcialmente adormecidos, esperando que um próximo observador venha e ouça os seus lamentos.

Tendo em vista o desejo da família de doar esse material, pode-se dizer que, finalizada essa pesquisa, o arquivo começará uma nova página de sua história. Afrânio Boppré, filho da primeira guardiã dos documentos de Altino Flores, afirma que no futuro será possível digitalizar o arquivo e socializa-lo, servindo então como um 'memoria' pública para seu avô[100]. Naturalmente, por se tratar de um grande tesouro para a história de Santa Catarina e. mais precisamente, de Florianópolis, esse acervo será fonte de ótimas reflexões para qualquer tipo de historiador, bastando apenas abordar o material com um objetivo em mente.

E é exatamente por ter esse pano de fundo que esse trabalho nasceu, buscando servir como uma espécie de "introdução" do arquivo do intelectual catarinense. Ao longo dos capítulos foi explicitado como o autor se mostra deliberada ou acidentalmente através de seus documentos, para além de explicitar o caráter multifacetado e fragmentado do acervo. Ilustrar algumas das inúmeras possibilidades de pesquisa oferecidas por um arquivo pessoal também foi objetivo do trabalho. Entretanto, para atingir estas metas foi preciso realizar recortes temáticos, não sendo possível trabalhar com o Arquivo Altino Corsino da Silva Flores como um todo. Com isso, provavelmente alguns documentos raros e inéditos passaram despercebidos por mim, aguardando para serem descobertos e estudados. Ademais, pode-se inferir que o arquivo é um grande depósito de memórias de seu autor, oferecendo tantas perguntas quanto respostas.

Contudo, como assinalado por Philippe Artieres, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira, não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal, fazemos um acordo com a realidade, manipulando a existência[101]. Assim, falar das ausências do Arquivo Altino Corsino da Silva Flores torna-se tão importante quanto falar das presenças, sendo imprescindível aos futuros pesquisadores se atentarem a este detalhe. Nesta pesquisa, uma grande ênfase foi dada a relação entre Altino Flores e os modernistas catarinenses, argumentando que os mesmos eram antagonistas no campo cultural, literário e político. Contudo, durante meu breve tempo com o arquivo não fui capaz de localizar nenhum documento que mencionasse Salim Miguel ou algum outro membro do Grupo Sul, talvez

[100] Ver https://ndmais.com.br/noticias/acervo-de-altino-flores-e-um-painel-visual-do-inicio-do-seculo-20-em-florianopolis/
[101]ARTIÉRES, 1998, p.21.

evidenciando que o mestre acadêmico não considerava realmente essa querela como algo importante.

A maior das ausências, sem dúvidas, é a da biblioteca particular de Altino Flores, dissociada do arquivo pessoal do autor e atualmente localizada no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Muitas das anotações presentes no seu arquivo pessoal indicam que sua biblioteca era importante para o seu processo criativo, utilizando citações em seus textos sempre que possível. Uma visita a esta instituição para visualizar o material seria ideal para entender a sua relação com o arquivo pessoal tratado nessa pesquisa, sendo possível que Altino Flores também fazia intervenções nas margens de seus livros.

Em última análise, buscou-se utilizar o arquivo para questionar os modelos interpretativos que se valem de noções de vazio, de marasmo e de atraso para caracterizar Altino Flores, mostrando através de seus papéis a sua atuação como intelectual moderno e filho do seu tempo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal.** Rio de Janeiro: Lapa: Rocco, 1996. p.19.

AMARAL, Aracy; BARROS, Regina (orgs.). **Moderno onde? Moderno quando?** A Semana de 22 como motivação. São Paulo: MAM, 2022.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol.11, n.21, 1998.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. pp. 23-79

BRITTO, Augusto César Luiz; CORRADI, Analaura. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. **BIBLOS**, *[S. l.]*, v. 32, n. 2, p. 98–129, 2023. DOI: 10.14295/biblos.v32i2.7968. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7968. Acesso em: 26 jun. 2024.

CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco**: arte e imagem, raça e identidade no brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Arquivos-Relicários: múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Crítica e coleção.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 327-340.

CORREA, Nereu. **O canto do Cisne Negro e outros estudos**. 2. ed. Florianópolis: Fcc, 1981. 140 p.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)arquivar:** arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

EL FAR, Alessandra. A Presença dos Ausentes. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000.

EL-KHATIB, Faissal. **História de Santa Catarina**. Curitiba: Grafipar, 1970. (Volume 4).

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. Tradução: Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

FLORES, Altino. **Textos críticos.** Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006.

FLORES, Altino. **Goethe, os "novos" e os "velhos"**. Florianópolis: Edição do Autor, 1949.

FLORES, Arquivo Altino Corsino da Silva, Chapecó.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). **Intelectuais mediadores:** práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 25.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. p. 125.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.192-203.

MATOS, Felipe. **Armazém da província: Vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República.** 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MATOS, Felipe. Periódicos da Província: circulação e produção de impressos em Florianópolis na Primeira República. In: LEMOS, Clarice; PIAZZA, Maria (Orgs.). **Cultura Impressa**: das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 63-94.

NETO, Arias. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. (orgs.). **O Brasil Republicano I**: o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 191-230.

PEREIRA, Moacir (org.). **Altino Flores:** Fundador da ACL. Florianópolis: Insular, 2010.

PHILIPPI, C. C. O engendramento do embate – polemologias e práticas na Escola Normal Catarinense (1911 – 1918). **Educação**, *[S. l.]*, v. 48, n. 1, p. e119/1–18, 2023. DOI: 10.5902/1984644467518. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/67518. Acesso em: 26 jun. 2024

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. p.3-15.

REIBNITZ, Cecilia. **Altino Flores e a construção da memória da literatura catarinense**. Florianópolis: ANPUH, 2015. p.3-4.

RESENDE, Maria Efigênia L. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. (orgs.) **O Brasil Republicano I***:* o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 89-120

SACHET, Celestino. **As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Udesc, 1974. p. 27-33.

SACHET, Celestino; SOARES, Iaponan (org.). **Presença da Literatura Catarinense**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989. 264 p.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.231-271.

ZANOTTO, Pedro Haas. De conluios e ímpetos: o federalismo, o republicanismo e a guerra em desterro. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 51-67, jun. 2021.